

ROCK MEETING



Protector

TR3 S'OURO NACIONAL

... | DESTAQUES | ...



VUUR

NOVA BANDA DE ANNEKE

E MAIS ... NECROMANCER | MARENNA | DARK DIMENSIONS FOLK FESTIVAL
| SATYRICON | OBITUARY | APOCALYPTICA | ZACK SABBATH

ROCK MEETING

COLLECTION . VOL. V



FREE DOWNLOAD
CLICK HERE

EDITOR'S NOTE

Legado

Primeiramente, quero enaltecer a figura de Malcolm Young, guitarrista do AC/DC que nos deixou em 18 de novembro. Não precisamos mencionar a importância dele para a música, não só para o Rock. Sua criação será sempre lembrada pelas gerações seguintes. Felizes daqueles que tiveram a oportunidade de vê-lo em ação com as seis cordas.

Segundo. Um salve para Cherry Take-tani, guitarrista do Nervochaos. Ela nos deixou de modo repentino. Sua contribuição e luta pelo underground serão sempre lembrados.

A Rock Meeting está muito próxima de um patamar importante. 100 edições de uma revista digital. Criada lá em 2009, nunca pensou em ser grande, tampouco chegar a tanto. Que orgulho, sabe?!

Olho para trás e vejo o quanto foi trabalhoso, o quanto foi difícil manter a periodicidade, o quanto é satisfatório vê-la todo mês 'distribuída' por vários sites/blogs/páginas/

perfis/postagens pelo Brasil e pelo mundo.

Estamos conquistando espaços ainda. Sim, não nascemos grande. Há muita gente que, ainda, nem sabe que nós existimos. O nosso desejo é alcançar estas pessoas, fazer com que elas saibam que o nosso país tem o que mostrar.

Não é vergonhoso dizer que nunca pensamos chegar onde chegamos. É um passo de cada vez, sem passar por cima de ninguém, sempre procurando pessoas que queiram somar e caminhar conosco.

Há momentos que o desânimo bate com muita força, mas, quando olhamos para o que já foi feito, é difícil olhar para frente sem que haja uma nova edição. Que tenhamos muita gana para continuar e parceiros para nos salvar.

A última edição de 2017 vem diferente, abre o caminho para a edição icônica. Verdadeiramente, é um legado.



Table of Contents

- 06 - **News** - World Metal
- 10 - **Lapada** - Tudo passa
- 18 - **Entrevista** - Marenna
- 28 - **Live** - Apocalyptica
- 36 - **Entrevista** - Death Angel
- 48 - **Live** - Zakk Sabbath
- 56 - **Capa** - Project46
- 68 - **Live** - 46 Fest III
- 76 - **Live** - Satyricon
- 84 - **Entrevista** - Vuur
- 92 - **Live** - Obituary
- 98 - **Skin** - Suspensão corporal
- 104 - **Live** - Dark Dimensions Folk Festival
- 112 - **Entrevista** - Necromancer
- 120 - **Live** - Neurosis



36



84



28



18



ROCK MEETING

Expediente

Direção Geral
Pei Fon

Capa
Alcides Burn
Jonathan Canuto

Colaboradores
Bruno Sessa
Jonathan Canuto
Marcos Garcia
Marta Ayora
Mauricio Melo (Espanha)
Raphael Arízio
Zenitilde Neto

CONTATO
contato@rockmeeting.net

 WWW.ROCKMEETING.NET



Foto: David Duplo Fernandez



‘THE WORLD IN FOCUS’

A banda sueca **Mile**, que está finalizando a produção do sucessor do debut, “Lost” (2015), confirmou “The World in Focus” como título do segundo álbum, que tem lançamento agendado para o início de 2018 e será apresentado em primeira mão no Brasil. “As letras foram construídas tendo em mente uma visão do mundo de hoje e as músicas trarão mais variações, como uma mescla do metal antigo e do novo. O primeiro single/clippe está finalizado e sairá em breve”, revelou o vocalista Marcus “Masken” Karlsson. Mile faz show em São Paulo, no dia 3 de fevereiro, no Carioca Club. Ingressos à venda no [Ticket Brasil](#).

“GHOST PLANET”

Um mix de emoções marca o lançamento do videoclipe da música “Ghost Planet” da banda **Optical Faze**. Ao mesmo tempo que comemora com alegria mais uma conquista com esse material inédito, a banda se apresentará pela última vez após uma carreira de 18 anos dedicados ao Metal. Esse momento único e marcante será celebrado na segunda edição do Ferroada Fest, que acontecerá no dia 17 de dezembro em Brasília – evento que tem o apoio do FAC (Fundo de Apoio à Cultura da Secretaria de Cultura do Distrito Federal). Fechando o lineup estarão outras três bandas do DF: Isaurian, Fleshpyre e Toro. Info no [site](#).

“SHADOW’S KINGDOM”

A banda portuguesa **Wrath Sins** liberou a primeira música de seu novo álbum de estúdio “The Awakening”. A faixa escolhida foi “Shadow’s Kingdom”, que foi produzida por André Matos & Miguel Silva, mixada por André Matos no Raising Legends Studios e masterizada por Caesar Craiveiro no Raising Legends LX. “The Awakening” é um álbum muito complexo a todos os níveis, repleto de camadas intrínsecas, sobre algo que se cruza e expande. Reflete diferentes direções, decisões e imprevisibilidades, num registro metafórico que dirige o ouvinte atento para diferentes desfechos. Escute [“Shadow’s Kingdom”](#).

“THREE OR MORE”

A banda sueca de Industrial Death Metal, **Syconaut**, lançou seu novo EP “Three or More”. O EP foi gravado e mixado em “Holken Studio” de David Löfborg e masterizado por Plec que trabalha no The Panic Room Studio. Syconaut foi formada em 1999, em Skövde, na Suécia. Os trabalhos anteriores da banda consistem em dois álbuns de estúdio - “Burst Into Life (2009)”, “In Ruins” (2014) - e um EP, “Fractions” (2010). Para escutar o som da banda, basta acessar a página oficial do [Soundcloud](#). Para conhecer mais o Syconaut, acesse o site [oficial](#).

“MIRAGEM”

O grupo paulistano **Trayce** iniciou o ano de 2017 lançando o single/clippe “Domadores”. Na sequência, o vídeo da faixa “O Culto” trouxe cenas do show de lançamento, ocorrido em abril na Clash Club (SP). Agora, Raphael Castejon (vocal), Alex Gizzi (guitarra), Fabricio Modesto (guitarra e vocal), Rafa P.Ciano (baixo) e Cadu Gomes (bateria) apresentam mais um vídeo, desta vez para a faixa-título. “Miragem” fala de pessoas que se apoiam nos paradigmas religiosos contra os problemas materiais e ilustra a dualidade entre o conceito de sagrado e a coerência científica. Veja o clipe de [Miragem](#).

‘PEI’

Pei’ é a primeira fagulha do poderoso ‘Ma’, o segundo álbum do Huey sucessor do elogiado ‘Ace’ (2014), que trará um complexo conceito sobre intervalos, experimentos e conexões e emoções. O single, que estreou na última semana de novembro no programa Heavy Pero no Mucho da 89 Rádio Rock, já traz estas percepções em forma de uma música com destaque para o peso e a criatividade das guitarras amparada por batidas cadenciadas e instigantes. ‘Pei’ está disponível para streaming e download no [Bandcamp](#). Para ter acesso as demais informações da banda, basta acessar sua página oficial no [Facebook](#).



Foto: Du Lopes



Foto: Filipe Naves

Foto: Estevam Romera



“DEFENDER OF METAL”

Passados 15 anos do lançamento de “Defender Of Metal” - que ganhou versão europeia através da gravadora alemã Pure Steel Records -, o **Hellish War** se viu na obrigação de celebrar a data junto aos fãs através de um relançamento especial do álbum e alguns shows especiais que aconteceram ao longo do ano de 2017. “Defender Of Metal” agora pode ser ouvido em streaming ou adquirido através das principais plataformas de música digital. Na nova versão os fãs da banda poderão ouvir a regravação inédita da faixa título do álbum, agora com as vozes do atual vocalista, Bil Martins. [Spotify](#) | [Deezer](#) | [Google Play](#) | [iTunes](#)



FANZINE MOSH 30 ANOS

Agora totalmente colorido, o Vol. 17 do **Fanzine Mosh** chega às lojas de todo Brasil com o lançamento da sua edição comemorativa de 30 anos com Scott Ian do Anthrax na capa. Chegando a sua terceira edição física após seu retorno em 2015, O Fanzine Mosh já está disponível nas lojas de Curitiba e ainda São Paulo e Rio de Janeiro (capital), e nas próximas semanas, lojas do Brasil inteiro. Com 52 páginas totalmente coloridas esta nova edição do Fanzine Mosh conta com várias entrevistas em destaque com uma variedade bem considerável. Para obter sua edição, acesse o [link](#).

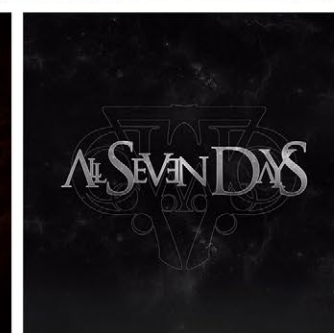
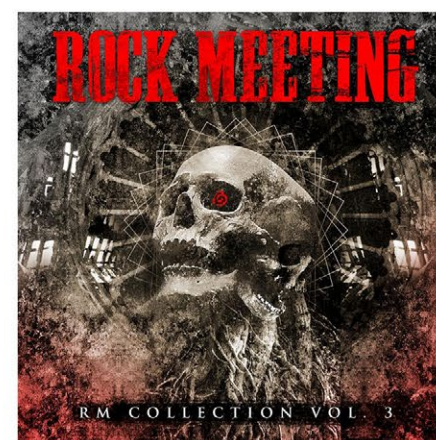


“SEEDS OF CHAOS AND SERENITY”

A banda de Epic Symphonic Metal **Ruins Of Elysium** lançou seu álbum ‘Seeds of Chaos and Serenity’ neste ano, trabalho este que foi considerado pela crítica especializada um dos melhores e grandes destaques do ano de 2017. Seeds And Chaos And Serenity também conseguiu angariar ótimos comentários da imprensa estrangeira, graças ao seu Metal Sinfônico recheado de elementos orquestrais e pelos vocais tenores de Drake Christsensen, o que torna o Ruins Of Elysium diferenciada mundo afora. Para escutar a faixa “Seeds of Chaos and Serenity”, basta acessar o link [AQUI](#).

the ArtWork of canuto

cd . dvd . logo . symbol
flyer . illustration .



canutoartwork@gmail.com

@_canuto

TUDO ACABA, TUDO COMEÇA

Em geral, esta coluna serve para dar uns tabefes necessários em uma parte do público Metal/Rock que, se não mudar de direcionamento, é completamente desnecessária. Mas 2017 já está chegando ao final, e desejo construir algo bom. Mas se preparem, pois vai doer em muita gente o que tenho a dizer.

Vamos lá!

Já viram que basta algum veterano do Metal falar em disco novo que causa uma enorme comoção no meio? Pois é, acho esse tipo de frescura um tanto quanto... Fanática demais.

Exemplo: há poucos dias, o Judas Priest lançou a capa e um trequinho de uma música nova no Youtube. Foi uma autêntica febre e compartilhamentos no Facebook e Twitter. Me dei o direito de ouvir. Achei ótimo, mesmo porque Rob Halford é um dos meus cinco vocalistas favoritos de Metal. Mas me veio a lembrança amarga referentes não só ao Judas, mas a muitos veteranos: ao vivo, a maioria é uma brochada imensa.

Explicando: já vi shows do Judas ao vivo no passado (mais precisamente, no Rock

Fotos: istock

in Rio 2, em janeiro de 1991). Eles arrasavam a ponto de por Queensryche, Megadeth e Guns 'n Roses no chinelo, e eram bandas jovens naqueles tempos. Há uns anos, fui ver o DVD "Epitaph" e fiquei me perguntando: "mas que porra é essa?", pois é uma enorme brochada: tempos mais lentos, afinações mais baixas, Rob cantando com tons mais amenos. Coisas que estão diferentes dos discos.

Já sei o que muita gente vai dizer: "Ora, eles estão velhos", e concordo com isso. Mas sacaram uma coisa? Se eles não conseguem mais tocar da mesma forma ao vivo, por que ainda insistem em permanecer na ativa?

Um contraexemplo: Accept. Vendo "Restless and Live", gravado em 2015, a sensação era que eles poderiam triturar o Judas. Sim, pois há tesão, paixão, energia. Os alemães estão vivendo um momento excelente na carreira, embora estejam longe de qualquer forma de inovação sonora (e não vou entrar no mérito dessa questão aqui).

Agora, eu acho que entenderam. O Judas parece morto, cansado e sem vontade de fazer longas turnês. E esse raciocínio vale para o Iron Maiden. E sem choro: quem já viu Bruce ao vivo, sabe que ele não consegue cantar certas canções (como "The Trooper") como antes. Se não for um pastel que só enxerga o que te mandam ver, entenderá que eu tenho razão. Aliás, só ele mesmo, pois os outros membros estão em muito boa forma. O Deep Purple é outro, pois a voz de Ian Gillan não rende ao vivo há anos. O KISS sofre em certos shows, pois Paul não consegue mais



cantar nos mesmos tons de antes.

Óbvio que existem bandas antigas que estão em ótima forma, como o já citado Accept, a velha tia Alice Cooper vem mostrando fôlego privilegiado, o Aerosmith sempre se supera. Mas os velhos mitos estão envelhecendo, e muitos já não conseguem manter o pique. Há certos shows que são vergonhosos.

Ozzy é outro exemplo de pé na cova, e ainda bem que parece que ele também quer se aposentar. Me perdoem os fãs, mas o velho Madman poderia ter se aposentado após a "No More Tours", pois estava no auge. Depois dela, até "Scream", nunca mais o velhinho fez algo solo de primeira.

O que fazer nesses casos?

Há casos que uma simples troca ajudaria, como Bruce poderia se aposentar e o Maiden seguir em frente. Tá, já sei que as brucetes surtaram com meu comentário, mas não sou nenhum fiel da Igreja Universal do Iron Maiden para achar que ele seja um deus. Aliás, não tenho deuses, já aceitei há muitos anos que todo mundo um dia tem que parar ou vai ser parado, como foi o querido Lemmy. Mas há casos em que as bandas realmente precisam da aposentadoria. Nada mais justo para quem já fez tanto.

Quando o Black Sabbath, pai por direito de tudo que amamos musicalmente, parou no início do ano, eu não fiquei triste. Apenas agradei por ter podido viver numa época em que eles estavam na ativa, sem me importar com formações. O nome Black Sabbath é maior do que o de Ozzy, Tony, Geezer, Bill, Dio, ou outro que deseje citar. Só gostaria (dando voz ao fã que existe em mim) que o Sabbath tivesse gravado seu último disco com Bill na bateria. Mas infelizmente, Sharon

Osbourne tem outros planos em mente, e eles acabam sobrepondo-se aos desejos dos fãs.

Encerrar uma banda não é um crime ou algo errado. Mas é muito triste ver um de nossos ídolos no palco fazendo vergonha. É a sensação que tive ao ver o Iron Maiden duas vezes (comecei a ouvir Metal com eles, em 1983), com Bruce perdendo o fôlego. Ele não é perfeito, não se cuida, como muitos de nossos músicos favoritos também nunca se cuidaram. Eles podem negar, mas a idade já anda pesando.

E se eles parassem, o que aconteceria?

Ora, existem bandas novas surgindo todos os dias. Como autor de resenhas tanto para o Brasil como para o exterior, vejo isso constantemente. O que falta, no fundo, é o fã parar de usar a porra da internet para tretar e prestar a atenção em bandas jovens.

Se você não se adapta às sonoridades modernas, existem bandas fazendo trabalhos ótimos voltados a formatos mais “Old School” (sem ficarem copiando o que já foi feito). Se bandas jovens com uma qualidade sonora mais abrasiva não é problema, vivemos o momento em que o Metalcore gera bandas muito boas. É uma questão de ouvir e se adaptar, de parar de se comportar como uma criança pirracenta falando que “o passado era melhor”. Isso é a maior ilusão, a maior alienação que se pode fazer. Negar o futuro em prol do passado é, inclusive, se posicionar como um conservador! Talvez seja esse o motivo de tanto bolsocretes enchendo o saco no Metal!

Como escritor de resenhas, vejo bandas que fazem sonoridades jovens ou antigas, e as

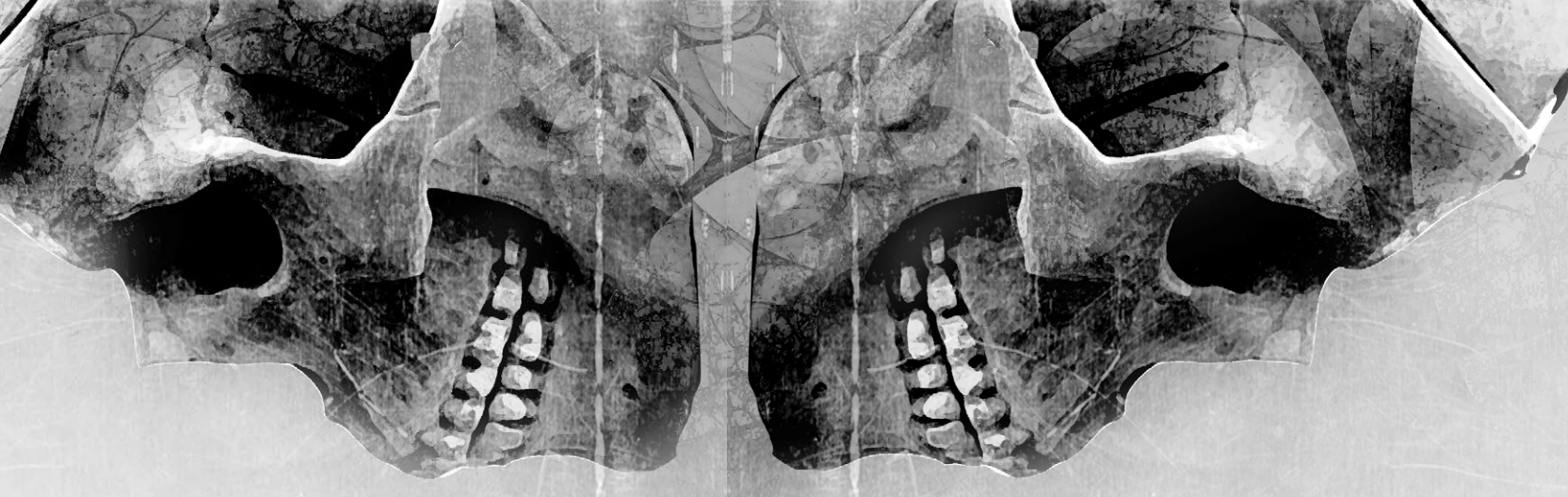


Foto: John Mcmurtrie



LAPADA
POR MARCOS GARCIA



aceito da mesma forma (enquanto não forem clonadores). Não sei se é o fato de escrever, ou por eu morar em uma cidade pequena que dista dos grandes centros (onde existem cenas formadas), mas sempre fui capaz de me adaptar aos novos tempos. Óbvio que sempre há um espanto inicial. Eu nunca esqueço minha reação, em meados de 1991, quando ouvi o “Altars of Madness” do Morbid Angel pela primeira vez: “isso é uma bosta!”, eu pensei. Poucos meses depois, estava apaixonado pelo disco (aliás, sou fã da banda até hoje). Ou seja: passa o espanto, você pode acabar gostando e se apaixonando pelo trabalho musical de alguma banda mais jovem. No Brasil mesmo, bandas como Fire Strike, Jackdevil, Saint Spirit, Pato Junkie, Miasthenia, Matkabra, Tupi Nanbha, Tamuya Thrash Tribe, Kamala, DarkTower, Lacerated and Carbonized, Funeratus, Silver Mammoth e tantos outros são mostras que o gigantes podem parar,

mas tem gente com raça para segurar a onda deles.

Se me disserem que ninguém vai substituir o Iron Maiden, eu vou concordar, como eles também não substituíram o Black Sabbath, o Wishbone Ash, o Thin Lizzy, o UFO e tantos outros que vieram antes. Cada banda é única (exceto os clones), mas sempre haverá quem possa ocupar aquele espaço.

Ou seja: deixem que o Metal se renove, parem de criar deuses, não criem regras de como soar ou de como um fã tem que se vestir. Sempre há alguém novo para ficar no lugar do mais velho que parou.

No mais, agradeço a atenção em 2017, e desejo aos leitores (mesmo alguns mal educados que adoram encher o saco nos comentários das matérias) um feliz 2018, cheio de alegrias, saúde e paz, para vocês e suas famílias.

Fui!

FEAT FIRST MANAGEMENT, MIRACLE ARTISTS AND LIBERATION MC PRESENT



EPICA

THE **ULTIMATE** PRINCIPLE

BRAZIL TOUR 2018

09.03.18 **MUSIC HALL BH** BELO HORIZONTE
10.03.18 **TROPICAL BUTANTA** SÃO PAULO
11.03.18 **CIRCO VOADOR** RIO DE JANEIRO
13.03.18 **OPINIAO** PORTO ALEGRE
14.03.18 **SPAZIO VAN** CURITIBA
16.03.18 **TEATRO MANAUARA** MANAUS
17.03.18 **ARMAZÉM** FORTALEZA
18.03.18 **CLUBE PORTUGUÊS** RECIFE

WWW.LIBERATIONMC.COM





“Um bom trabalho é
construído com determinação”

MARENNA

Texto Luis Harley Caires | Fotos Elisa Assmann

Marennna hoje é o grande nome do Hard Rock nacional. Seu som vem se destacando no mundo todo. O músico gaúcho demonstra muita qualidade com seu Hard com grandes toques de A.O.R e mostra ser um músico que tem todas as qualidades para despontar de vez no exterior. A qualidade e o cuidado em cada detalhe de seus trabalhos é algo que chama a atenção de todos. Vamos saber de Rodrigo detalhes sobre seu destaque internacional, suas influências e seus planos para o futuro.

Primeiramente obrigado Rod Marennna por dedicar seu tempo para responder essa entrevista, confesso que não sou um profundo conhecedor do AOR, mas trabalhos como o seu chamam atenção e se destacam em um mar de tantos clones. A primeira pergunta não poderia ser outra, o que te direcionou a montar um projeto com seu nome invés de um outro trabalho com a Lacross Rock?

Bom, gostaria de iniciar agradecendo o espaço e a consideração pelo meu trabalho junto ao Marennna. Houve um tempo que eu tinha desenvolvido algumas ideias de músicas dentro deste estilo mais melódico, na verdade sempre foi a minha verve, mas faltava o norte e a coragem para lançar este material, após perceber



que não conseguiria usar elas com a Lacross, resolvi investir em um ano de pesquisa e numa ideia 100% minha e com alguns diferenciais, dentre eles os cuidados com a produção, sonoridade, mercado, nicho e principalmente as participações especiais, que deram o charme final ao trabalho. Diria que o Marenn nasceu sim como projeto solo, mas de nada seria sem as parcerias que fechamos nestes três anos de trabalho, que cabe comentar, foram escolhidas a dedo.

Um dos pontos que mais me chamou atenção foi a sonoridade, muito mais moderna, mas sem abrir mão do bom gosto, sabemos que não existe fórmulas mágicas e sim talento. Poderia nos dizer quais foram suas influências musicais na hora de compor?

Minhas influências são sempre as mesmas há praticamente 25 anos que componho: David Coverdale, Ian Gillan, Glenn Hughes, Eric Martin, Jon Bon Jovi e muitos outros, mas percebi que o mercado caminhava em outra direção e, ao invés de ficar preso num ambiente por vezes defasado, eu uni o que achava de melhor da old school, com o que estava soando de melhor atualmente. Dentro do contexto de referências que agradava o meu gosto pessoal, obviamente com muita pesquisa junto aos meus dois produtores, Arthur Appel e Jonas Godoy, foi com este foco que demos a direção para a sonoridade do Marenn.

Existe uma seleta lista de músicos que trabalharam com você na gravação de “No Regrets”. Gostaria que comentasse um pouco sobre a seleção de músicos. Sendo um artista de renome na cena AOR, como você observa a sua contribuição no lançamento de novos talentos?



Sim, a premissa do Marenn sempre foi esta, desenvolver talentos, influenciar, agregar para que todos ganhem força. A seleção meio que foi ao natural, me direcionando a músicos locais que já tinha trabalhado ou que sempre quis trabalhar, e as coisas foram se encaixando, não foi fácil, mas no final deu certo, e é o que importa. Corremos todos os riscos, e correríamos de novo, o foco sempre será a boa música. Sobre minha contribuição, acho que ela é constante, sempre que posso invisto nis-

so, um bom trabalho é construído com muita determinação, planejamento, porém com as parcerias certas ‘corre o risco’ de ficar melhor ainda.

Gostaria que comentasse um pouco sobre a votação para tocar no Sweden Rock festival. Imagino que estar entre os dez mais votados é algo que está além da imaginação ainda mais tratando se do nosso país onde a boa música tem cada vez menos espaço na mídia

Sim, tínhamos apenas 100 dias de vida quando fomos uma das três bandas brasileiras escolhidas pelo júri técnico e logo depois ficamos entre os 25 mais votados. E lá estávamos com o Marenn disputando voto a voto, finalizando a competição em #9 no mundo. Foi surreal e recompensador! Diria que um pontapé muito positivo, tínhamos apenas uma música lançada, mas muita vontade, percebemos a partir deste ponto que o trabalho deveria prosseguir e com mais força.

Como aconteceu o contato com a Lions Pride Music, e como foi a recepção do EP “My Unconditional Faith” e do cd “No Regrets” nos mercados europeu e japonês que são grandes consumidores desse tipo de som?

A Lions Pride Music me procurou e, após algumas negociações, chegamos ao acordo final. Lançamos os dois discos com uma boa aceitação nos mercados europeu e japonês, ótimas resenhas e afins. Posso dizer que estamos satisfeitos com o retorno.

Citando um pouco mais “No Regrets”, ele me mostrou ser um álbum muito dinâmico, pois temos feeling em músicas como “Never Surrender”, e uma balada fantástica “So Different” e boas faixas como “Reason to live” e “The Price”. Se fosse apresentar esse trabalho para alguém por qual faixa começaria e por quê?

Começamos com singles, e fomos sentindo cada lançamento, pois a ideia nem era lançar álbum ou qualquer coisa do gênero, até a gravadora aparecer (risos). Após amadurecer o foco do trabalho, decidimos que lançaríamos um disco e correríamos todos os riscos, pois a ideia era justamente essa, ser dinâmico dentro do estilo, porém transitar entre os inúmeros climas que o Rock e o Melodic Rock nos possibilitam sem ficar preso a um único tipo de beat ou riff. No entanto, queremos interagir entre as músicas, criando várias possibilidades. Para apresentar esse trabalho, sem dúvida, começaria por “Never Surrender”, é uma das minhas preferidas, essa música tem muito feeling e uma carga emocional muito forte, acredito que se você entrar para dentro de cada detalhe do arranjo e sacar a mensagem da letra, você vai entender.



Outra aula de boa música é dada na faixa “Fall in Love again”, que tem parceria com os irmãos Busic do antigo DR Sin. Difícil não pensar como que tal música não ganha as rádios rock por aí. Isso gera um questionamento: Por que nosso Hard Rock e AOR é tão forte no mercado externo, mas no Brasil ainda é underground?

Foi surreal trabalhar com eles, souberam dar exatamente o que a música pedia. Quanto ao Rock no Brasil, acho que nunca foi realmente explorado como deveria ser, acredito que por uma série de fatores, entre eles a preguiça por parte do público e dos veículos de comunicação, e amadorismos produzidos em série por muitas bandas, produtores e afins. Enfim, não sou a pessoa certa para julgar isso e o que passou, passou. Os tempos mudaram, temos a chance de escrever nossa história na página do Rock nacional a partir de agora, ou vamos ficar lamentando? Acho que o trabalho tem que ser feito com foco, buscar seu nicho e identidade, além de soar de igual para igual com o que é feito fora daqui, afinal de contas isso tudo começou lá, mas se buscarmos maturidade e vocabulário musical, temos chances reais de fazer a roda girar aqui dentro do país com o Rock. Ainda não trabalhei esta faixa como gostaria, mas em breve será feito.

“No Regrets” ganhou um vídeo oficial que pode ser encontrado no canal no youtube. Gostaria que comentasse como foi o processo de edição e qual o feedback que tem recebido da mídia? Acredito que as redes sociais e as mídias são sempre uma ferramenta a favor das bandas. A ideia surgiu com uma gama de material de vídeo que tínhamos dos shows da tour. Então fechamos uma parceria com a Bunker 85.



Editamos ele com a ideia justamente de mostrar um pouco da nossa rotina nos shows para criar uma empatia com as pessoas com a nossa energia, provocando-as para virem nos nossos shows (risos). Acho que funcionou, muita gente compartilhou e deu um feedback muito positivo, tiveram alguns portais que compartilharam por conta própria o vídeo atingindo mais de 40mil views em poucos dias, eu acho que as mídias sociais são o caminho do futuro, basta saber usá-las.

Como nasce uma composição do projeto Marenn? Sendo uma banda com seu sobrenome, cria a ideia de algo mais

centralizado em um único músico, mas é só olhar a ficha técnica que vemos a parceria de vários músicos. Então, gostaria que comentasse um pouco mais desse processo criativo.

Sim, o projeto é centralizado em mim. Por ser solo, eu defino desde o princípio a sequência das composições, início com todas as melodias e ideias de arranjos criando o primeiro esboço de cada música, após isso, defino as referências, e possíveis participações especiais, juntamente com meus dois produtores, Jonas Godoy e Arthur Appel. A partir disto, gravamos as linhas e direcionamos parte das músicas para a banda fixa gravar e logo após distribuí-

mos as participações especiais.

Tendo um feedback tão positivo, já existem planos para o sucessor de “No Regrets”? Como você avalia tal trabalho, tanto em produção como em mixagem?

Sim, já existem planos para novos lançamentos, o próximo será em breve, e vocês logo terão acesso a ele. Para 2018, buscaremos consolidar nossa marca cada vez mais e novos lançamentos também. Avalio o “No Regrets”, como um divisor de águas, acredito que sempre podemos nos reinventar e buscarmos renovação.

Segue o espaço para deixar um recado para os nossos leitores e, se possível, divulgar os próximos shows e lançamentos. Obrigado pela entrevista.

Primeiramente muito obrigado a todos que nos apoiam: veículos, jornalistas, fãs, amigos, patrocinadores, nossa assessoria de imprensa, familiares. Sei que é difícil acertar sempre, mas estamos na batalha e contamos cada vez mais com vocês, nos vemos em São Paulo, em março de 2018. Faremos nosso show de lançamento, sigam a página e fiquem por dentro do que virá a seguir.

LIVE CONCERT

APOCALYPTICA

A fusão do metal
com o violoncelo

A fusão do metal com o violoncelo, um instrumento grave e pesado, assim como o heavy metal, reuniu um grande número de fãs num domingo à noite, na casa de shows Tropical Butantã, em São Paulo, para apreciar uma das melhores bandas de metal sinfônico.

Ao chegar no local, me deparo com uma faixa etária diversificada em uma fila enorme que dobrava a esquina, provando que a música clássica agrada sim aos ouvidos exigentes dos metaleiros.

Em sua terceira passagem pelo Brasil, a banda finlandesa Apocalyptica comemora os 21 anos de seu primeiro álbum “Plays Metallica by Four Cellos” (1996), em um show especial e inteiramente instrumental, com canções do Metallica.

A formação atual da banda Apocalyptica conta com Mikko Sirén na bateria e 04 violoncelistas (Eicca Toppinen, Paavo Lötjönen, Perttu Kivilaakso e pelo ex-membro e co-fundador Antero Manninen, que deixou o grupo em 1999 para ingressar na Orquestra Filarmônica de Helsinki).

Pouco depois das 20h, uma escuridão tomou conta do palco e o quarteto se posicionou em seus bancos dando início a apresentação com “Enter Sandman”, um clássico que foi aplaudido e cantado em uníssono por um público seletto (sim, porque música clássica e heavy metal não são para qualquer ouvido).

O show foi dividido em duas partes. Na





primeira, o álbum de estreia da banda foi tocado na íntegra e na segunda parte revisitaram uma grande parte da história do Metallica, onde as faixas foram executadas e acompanhadas pelo peso da bateria de Mikko.

Em “Master of Puppets” e “Harvester of Sorrow”, Eicca e Perttu (os cabeludos da banda), banguêiam suas cabeças junto aos cabeludos da plateia e é bem legal de ver o entrosamento que esses dois músicos têm no palco. O show do Apocalyptica é um presente aos ouvidos, principalmente de quem ama Metallica. O som cru, grave e limpo dos cellos, fez desse álbum uma obra de arte inconfundível.

Em “The Unforgiven”, a banda esbanja

técnica fazendo uma viagem ao passado para interpretar as origens de sua carreira.

Já “Sad but True”, “Creeping Death” e “Wherever I May Roam”, embora as vozes dos músicos estivessem praticamente ausentes, a plateia seguia cantando os hinos, complementando o instrumental perfeito.

Uma versão surpreendente de “Welcome Home (Sanitarium)” encerrou a primeira parte do show e 20 minutos de intervalo abriu espaço para que tanto o público, quanto os músicos recarregassem suas baterias.

“Fade to Black” iniciou a segunda parte e o baterista Mikko Sirén (membro da banda desde 2005), foi incorporado ao grupo trazendo

do mais peso para a apresentação e tocando com maestria a sua incrível e enorme bateria.

A influência Thrash Metal do Metallica vieram à tona com a presença das músicas “From Whom The Bell Tolls”, “Fight Fire With Fire”, “Orion”, “Escape”, “Battery” e “Seek and Destroy”. Foi fascinante ver como eles conseguiram adaptar as técnicas de guitarra aos violoncelos.

Antes de se ausentar do palco para o habitual bis, Eicca interagiu com o público e contou que há 21 anos estão na estrada percorrendo o mundo tocando Metallica, que gostam de vir ao Brasil e que iam tocar uma música que nem o Metallica toca.

E assim iniciaram “Refuse Resist”, mostrando que também são grandes fãs da banda brasileira Sepultura.

Após a pancada do Sepultura na orelha, que acordou quem estava em transe, Eicca provoca o público: “Vocês ainda estão vivos? Porque nós estamos vivos e celebrando a vida”. E assim dão início a “Nothing Else Matters”, com o público cantando em coro cada parte da música.

Enquanto Antero seguia sério e concentrado, os empolgados Eicca, Perttu e Paavo faziam piadas, inclusive sobre a canção Despacito. E antes de dar fim à apresentação, Eicca diz que a próxima música é sobre guerra, e deixa



o seu recado: “Cuidem-se e amem ao próximo. Nós amamos vocês”.

E nessa vibe “One” finaliza em grande estilo, uma apresentação inesquecível. O fato é que o quinteto esbanjou técnica e demonstrou uma qualidade musical surpreendente ao revisitar os clássicos do ícone do heavy metal, com um repertório de 18 músicas em aproximadamente 2 horas de duração, deixando saudades desse show incrível idealizado pela Rádio e TV Corsário.

Set List Apocalyptica:
(Primeira parte)
Enter Sandman
Master of Puppets
Harvester of Sorrow
The Unforgiven

Sad but True
Creeping Death
Wherever I May Roam
Welcome Home (Sanitarium)
- Intervalo -
(Segunda parte)
Fade to Black
For Whom the Bell Tolls
Fight Fire With Fire
Orion
Escape
Battery
Seek & Destroy
Refuse Resist (Sepultura)
Encore:
Nothing Else Matters
One

BURN ARTWORKS



WWW.
BURNARTWORKS
.COM



A Arte da Ressurreição

DEATH ANGEL

Texto e Foto Virginia Pezzolo

Uma das principais bandas do gênero Thrash Metal vindas da Bay Area, o Death Angel ficou também conhecido por suas peculiaridades. A demo da banda, “Kill as One”, foi produzida por ninguém menos que Kirk Hammett. Entre os fãs estava Cliff Burton, que costumava agitar sua cabeça na primeira fila dos shows do grupo. O primeiro álbum, “The Ultra-Violence”, foi lançado quando os integrantes eram muito jovens, sendo que o baterista Andy Galeon tinha apenas 14 anos. Todos os originais membros são de origem filipina e primos de primeiro grau, exceto o vocalista Mark Osegueda que é de segundo grau.

Podemos dizer que a banda tem duas vidas, uma no auge dos anos 80 e outra que renasceu no revival do Thrash no começo do ano 2000. O segundo álbum, “Frolic Through the Park”, lançado em 1988 e “Act III”, de 1990, ajudaram o grupo a se tornar conhecido mundialmente e a embarcar em turnês bem sucedidas. Porém, uma trágica eventualidade com o tour bus os deixou em um longo hiato e na dúvida se a banda continuaria. Depois de brigas com a gravadora Enigma e a saída do vocalista Mark Osegueda, o Death Angel encerrou suas atividades.

A ressurreição veio na forma de um convite para tocarem em um evento beneficente



Foto: Kara Rokita



às vítimas de câncer para Chuck Billy (Testament) e Chuck Schuldiner (Death) chamado “Thrash of the Titans”. A resposta do público foi receptiva e entusiasmada, o que fez com que eles gravassem mais um disco chamado “The Art of Dying”, lançado 15 anos após o término. Em seguida veio “Killing Season”, gravado no estúdio de David Grohl, e “Relentless Retribution”, já sem os dois membros fundadores, Dennis Pepa e Andy Galeon.

Mesmo com essa turbulência entre troca de membros, a banda se firmou com discos fortes como “The Dream Calls for Blood”, um retorno às raízes, e “The Evil Divide”, que saiu em 2016. O line-up não sofreu mais mudanças desde então. Atualmente o Death Angel é Mark Osegueda (vocaís), Rob Cavestany (guitarras e vocaís), Ted Aguilar (guitarras), Will Carroll (bateria) e Damien Sisson (baixo).

ROB CAVESTANY-ENTREVISTA

Conversamos com o sempre solícito e divertido guitarrista Rob Cavestany em um dia frio de começo de inverno em Varsóvia, Polônia. Bem disposto a responder às perguntas, ele nos concedeu um breve momento antes do show da turnê Death Angel/Annihilator/Testament que vem rodando a Europa até o meio de dezembro.

Rock Meeting: Se passou mais de um ano desde o lançamento de The Evil Divide. O que você pode dizer do álbum após esse tempo?

Rob Cavestany: Posso dizer que ainda amo esse disco, igualmente ao período que ele foi lançado. Estou feliz que ainda estamos em turnê com ele, mesmo após um ano. A gente não

foi pra Europa logo no começo. Ainda há muita vida nesse álbum, ele ainda soa novo e atual quando pensamos nele. Estamos muito satisfeitos. Há muitos territórios que não cobrimos ainda nesta turnê. Com certeza no próximo ano vamos continuar seguindo com este disco. Acabamos de confirmar shows na Nova Zelândia, Austrália, o Sudeste Asiático, em abril e maio. É nossa primeira vez na Nova Zelândia, então estamos muito entusiasmados. Na Austrália acredito que vai ser nas cinco cidades principais, vai ser muito divertido.

E com esta turnê, qual foi o destaque até agora? Ano passado vocês estiveram em um giro com o Slayer e o Anthrax pelos Estados Unidos e este ano na Europa nos festivais de verão.

A gente toca com o Slayer desde o começo.

Acho que o primeiro show que fizemos com o Slayer foi 1984. Consigo me recordar bem porque foi o primeiro show do nosso vocalista Mark Osegueda com o Death Angel. Mark não cantava com a gente bem no começo e esta foi a primeira vez. Estávamos abrindo para o Slayer em São Francisco. Desde então, tocamos com eles aqui e ali, mas agora foi a primeira vez que estivemos com o Slayer em uma turnê completa, foi incrível. Tudo é muito profissional.

Como é o processo de composição para a banda? Começa na estrada? Vocês têm tempo de pensar em novas coisas ou apenas focam nisso quando estão em casa?

A resposta é sim e não. Um pouco dos dois. O objetivo é trabalhar em novas coisas o máximo

que pudermos porque é um longo processo e a gente quer sempre sair em turnê o mais rápido possível. Nunca temos planos de pegar um tempo de folga, queremos trabalhar continuamente e produzir música. E com isso em mente, a estratégia é escrever o máximo possível, o que significa trabalhar em turnê, que é algo que eu fiz bastante no passado. O plano sempre é esse. Porém, agora, falando a realidade, isso não tem acontecido nas últimas turnês. Porque se você trabalha, sempre está no fundo do ônibus ou fechado em um camarim. Você não interage com os outros, você não sai para ver a cidade. Eu quis me dar um presente na última turnê, sair por aí, ver as coisas e conversar mais com as pessoas. Significa que nada foi feito e então tenho mais trabalho quando vou para casa (risos). É descansar por um minuto da estrada e ir direto para o processo de composição. Mesmo assim, claro que tenho ideias nas turnês, estou sempre com minha guitarra e trago aparelhos para gravar. É fácil também puxar um telefone e registrar um ideia para não esquecer. Em casa consigo ser bem organizado para compor. Quando entro no ritmo, as ideias vem facilmente. Não me preocupo muito com isso e nem sinto uma certa pressão. Quando o clima é certo, a música aparece.

Vocês já têm algum conceito sobre o próximo álbum ou é um plano distante?

É um plano ainda distante. Tenho uma noção de um conceito e imagem distantes. São algumas coisas que anoto ultimamente no meu telefone. Eu salvo, mas não penso muito nisso até chegar no processo criativo. Aí eu volto, olho e penso “ah, me lembro, pode ser uma boa ideia”. Normalmente a música vem primeiro e depois a gente vai encaixando uma concepção do álbum com as letras e tudo mais. Começo sozinho com minha guitarra, os riffs, talvez uma bateria eletrônica; daí eu chamo o Will,



nosso baterista, e o processo começa à partir deste momento. Damos essas ideias pros outros caras e deixamos eles criarem suas partes.

Quando vocês vão tocar no Brasil? Já faz tanto tempo!

Pois é, muito tempo. Eu nem entendo, não sei o que acontece com o booking, com os promotores, nós tivemos ótimos shows. Estamos prontos pra voltar a qualquer momento. Às vezes a gente ouve uns rumores que vai acontecer, está quase lá, aí alguma coisa aparece, uma outra turnê nos é oferecida e acabamos não indo. Nós queremos voltar pra América do Sul, é muito divertido, os shows são intensos, principalmente nesses lugares que não tocamos com uma certa frequência.

Agora uma curiosidade: Quando vocês começaram e eram tão novos em São Francisco, numa média de idade de quinze anos, como foi? Estando perto de bandas como Exodus e caras mais agressivos como Paul Baloff gritando que queria matar os posers...

Sim, eles eram assustadores, mas no final eram legais com a gente. Eles tinham todo aquele negócio agressivo Thrash brutal. Ao mesmo tempo que nos intimidavam, a gente também fica impressionado e inspirado com tudo aquilo. Era muito louco, nós queríamos ser intensos daquele jeito também. Eles nos respeitavam como músicos porque viam a nossa paixão pelo estilo. Foram como mentores pra gente, nos davam dicas, nos protegiam, abrimos muitos shows pra eles... Eram bem legais conosco, porém sim, nos davam um certo medo. Nos tempos atuais, hoje somos todos grandes parceiros, de várias bandas daquela época. Somos bem próximos do Exodus, é legal que as coisas acabaram assim. Quando eu era muito novo e ficava na frente do palco para



ver o Gary Holt, não imaginava que um dia seríamos grandes amigos. É uma honra.

Vocês lançaram o DVD Thrashumentary em 2015, um documentário sobre a história da banda. Que tal um livro? Parece ser a moda entre os músicos ultimamente.

Boa pergunta. Temos muitas histórias para contar, muita coisa que não foi incluída no DVD. Também muitas histórias que não podem ser contadas (risos). Tem realmente bastante coisa. Quem sabe entre álbuns e turnês a gente possa encontrar um tempo pra colocar toda essa jornada no papel.

DEATH ANGEL + ANNIHILATOR + TESTAMENT

15/11/2017 Klub Progresja
Varsóvia, Polônia

Em um show sold-out, bandas veteranas de palco mostram que a aposentaria está longe.

Foi uma noite perfeita, combinando três ícones do Thrash Metal em um local lotado de fãs ardorosos. As portas foram abertas às 18h em ponto e os primeiros logo correram para a frente do palco. O Klub Progresja estava realmente muito cheio e era difícil se locomover. Seria interessante se houvesse uma troca de



bandas de abertura, pois o Death Angel ser o primeiro grupo sempre e tão cedo não parece muito justo. Mesmo assim, começaram com toda força. Abriram com “Father of Lies”, do último álbum “The Evil Divide”, e deixaram claro para todos que não vieram para brincadeira. A entrosamento dos membros do grupo é muito boa e, mesmo contando com apenas dois integrantes originais, eles parecem estar mais fortes do que nunca.

Mark Osegueda sabe lidar muito bem com o público. Percebeu o entusiasmo de todos logo de cara e continuou a provocar mais reações. Seguiram o pequeno set com “The Dream Calls For Blood” do álbum homônimo e “Claws In

So Deep” do lançamento de 2010, “Relentless Retribution”. Teve também os clássicos “The Ultra-Violence” e “Mistress of Pain” nos levando ao começo da banda, “Throw To The Wolves”, do disco “The Art of Dying”, que marcou o retorno no começo dos anos 2000, e fecharam com “The Moth” do último lançamento. Mesmo sendo curto demais, foi um excelente show.

Os próximos eram os canadenses do Annihilator, que promovem nesta turnê o álbum “For The Demented”, que saiu no começo de novembro deste ano. Sorrindo sempre, Jeff Waters e o time efetivamente mantiveram a chama acesa pelos predecessores, então a



temperatura no clube não esfriou por um momento sequer. Os músicos nos trataram com as duas peças do novo álbum “Twisted Lobotomy”, assim como clássicos “King Of The Kill”, “Phantasmagoria” e um dos momentos mais esperados da noite, “Alison Hell”; um verdadeiro clássico do gênero, cantado por todos presentes. Após aproximadamente 50 minutos, tudo acabou e o que tínhamos a fazer era apenas esperar a estrela principal da noite.

O Testament explorou mais desta vez o seu novo trabalho, “The Brotherhood Of The Snake”. Tinham bastante tempo para tocar álbuns mais recentes, sem sacrificar as tradicionais músicas. Seguiram com “Rise Up”, “Pale King” e “Centuries Of Suffering”. Com o decorrer do tempo, no entanto, eles chegaram aos momentos mais antigos. Foi surpreendente

ouvir “Low”, uma escolha não esperada ultimamente e “Electric Crown” do disco “The Ritual”; bem como a escolha de “Eyes Of Wrath” como o único representante de “The Gathering”. O único álbum do qual não ouvimos nenhuma música foi “Demonic”. Portanto o concerto foi muito variado, como eles não faziam há tempos. Todos os integrantes tiveram também seus momentos para solos, o que é interessante quando a banda conta com músicos do calibre de Alex Skolnick, Steve DiGiorgio e Gene Hoglan. O final veio na forma de “Souls Of Black”, “New Order”, “Practice What You Preach” e “Over The Wall”. Foi muito interessante ver que o gênero está mais vivo do que nunca na Polônia, lotado de fãs dedicados, muitos munidos de bandeiras com homenagens às bandas.

CRYPTORIANA
WORLD TOUR 2018

24 DE MARÇO - SÁBADO - SÃO PAULO
CARIOCA CLUB - RUA CARDEAL ARCOVERDE, 2899 - PINHEIROS

17H30 PORTAS / 19H00 SHOW

VENDAS ONLINE: WWW.CLUBEDOINGRESSO.COM
VENDAS SEM TAXA: BILHETERIA DO CARIOCA CLUB

EN7 LIVE MS

arte: www.jduartedesign.com



ITAIPAVA

Carroca
CLUB

ITAIPAVA

Carroca
CLUB

Poderoso tributo ao Black Sabbath

Duas horas antes do show, a fila para entrar no Carioca Club, em São Paulo, não só dobrava o quarteirão, como aumentava a cada minuto. O motivo? Todos estavam ali para assistir a apresentação da banda Zakk Sabbath com o seu tributo ao Black Sabbath, uma das maiores bandas de heavy metal de todos os tempos.

Liderado por Zakk Wylde (Ozzy Osbourne, Black Label Society), um dos guitarristas mais incríveis da história do metal, em conjunto com o baterista Joey Castillo (Eagles Of Death Metal, Queens Of The Stone Age) e o baixista Rob Blasko Nicholson (Ozzy Osbourne, Rob Zombie), a banda aterrissou em terras brasileiras para arrebatrar os fãs com diversos clássicos do Black Sabbath.

A abertura da casa contou com um momento memorável e emocionante já no início: Como de praxe, momentos antes de o show começar, algumas músicas rolavam nas caixas de som para aquecer o público, porém, quando tocou a música “For Those About to Rock (We salute you)” do AC/DC, o público cantou a música em uníssono e ao final a aplaudiram, e gritaram dezenas de vezes o nome de Malcolm Young, guitarrista do AC/DC que infelizmente havia falecido naquele mesmo dia. Foi uma homenagem voluntária, sincera e comovente, que me fez sentir um nó na garganta ali no photopit.

Enquanto eu digeriria aquela perda irreparável que tivemos na cena rock’nroll, as





cortinas se abriram e subiu ao palco a banda Zakk Sabbath com o poderoso Zakk Wylde, balançando seus enormes cabelos loiros com muita energia. E assim “Supernaut”, música do álbum “Vol.4” abriu a apresentação para aquecer os motores para o que estava por vir no setlist.

Empolgado, Zakk sobe em uma plataforma e faz solos infinitos com a guitarra na nuca. Em seguida, provoca a plateia colocando a mão no ouvido para ouvir os gritos dos fãs, que a plenos pulmões mostraram a que vieram.

Na sequência, do mesmo álbum “Vol.4” foi a vez de “Snowblind” que começou com o público mega empolgado, cantando em coro e batendo palmas para acompanhar o monstro da guitarra.

O show segue com “A National Acrobat“, “Embryo” e “Children of the Grave” onde a voz de Zakk estava bem afinada e não deixa nada a desejar se comparada a voz de seu mentor.

Um show à parte foi de Joey Castillo, que performou impecavelmente na bateria, e Rob Blasko que detonou no baixo. Parte do sucesso da banda se deve a esses dois incrí-



veis músicos, que acompanharam com vigor o frontman do início ao fim, mantendo o ritmo durante as quase duas horas de show.

Um dos momentos ápices do show aconteceu por volta do sexto minuto de “Lord of This World”, quando Zakk não se conteve e desceu para a plateia. Subiu na grade e tocou com a guitarra na nuca para o delírio dos fãs que, em êxtase tocavam em sua pele, para conferir se aquilo que estava acontecendo era mesmo real.

O Carioca Club estava lotadíssimo, com uma energia incrível. Durante as faixas “Or-

chid” e “Under the Sun/Every Day Comes and Goes”, pude perceber que Zakk pingava de suor tocando como uma máquina incansável.

Em “Wicked World”, Zakk fez solos quase que intermináveis e ao final levantou a guitarra como um troféu. A plateia seguiu atenta e empolgada no mesmo ritmo do mestre, honrando cada minuto de sua performance no palco.

Um dos pontos altos do show foi em “Fairies Wear Boots” onde Zakk Wylde se mostra incansável e realmente impressiona a plateia com a sua agilidade surreal, aliada à vita-



lidade de seus solos de guitarra extensos. Ali, ao vivo, ficava claro o quanto ele dá tudo de si para o público, que devolvia, ora gritando, ora cantando, ora batendo palmas. A verdade é que Zakk não só possui uma plateia fiel, Zakk possui uma legião de fãs, que foi ao Carioca só para vê-lo.

O show seguiu com o riff devastador de “Into the Void” que levou a plateia a banguer junto com os músicos cantando em coro. Já em “Hand of Doom”, Zakk apresenta os membros da banda, que são ovacionados pelo público.

“Behind the Wall of Sleep” segue com a mesma empolgação, mas foi em “N.I.B”, que ainda é tão relevante quanto na década de 70,

que o público levantou as mãos para cima e cantou junto com a banda em alto e bom som: “Look into my eyes, you’ll see who I am. My name is Lucifer, please take my hand”. uma música que ainda é tão relevante quanto em 1970.

Na plateia, um rapaz balançava um cartaz que pedia por “War Pigs”, um hino do rock que foi escolhido para fechar a apresentação com chave de ouro. Com quase 14 minutos de duração, Zakk tocou com o instrumento na nuca e finalizou tocando a guitarra com os dentes.

Suados e felizes nos despedimos da banda Zakk Sabbath e sua incrível atuação ao vivo.

Ao fechar das cortinas, durante a saída do local, mais uma homenagem ao AC/DC vinha das caixas de som do Carioca Club. Desta vez com “Whole Lotta Rosie”, para nos fazer refletir sobre o legado de Malcom Young e de como o rock é atemporal e imortal.

Que assim seja!

Setlist:

For Those About To Rock (We Salute You) - (AC/DC)

1. Supernaut
2. Snowblind
3. A National Acrobat

4. Embryo
 5. Children of the Grave
 6. Lord of This World
 7. Orchid
 8. Under the Sun/Every Day Comes and Goes
 9. Wicked World
 10. Fairies Wear Boots
 11. Into the Void
 12. Hand of Doom
 13. Behind the Wall of Sleep
 14. N.I.B.
 15. War Pigs
- Whole Lotta Rosie (AC/DC)

“música não tem limites”

Prolectar

Por Pei Fon | Foto Bruno Sessa

A banda paulistana Project46 vem se destacando na cena em um crescimento exponencial, como toda banda deve ser. Sem deixar de olhar de onde vieram, o quinteto, hoje formado por Caio MacBessera, Vini Castellari, Jean Patton, Betto Cardoso e Baffo Neto, ganhou uma sonoridade ainda mais pesada, mais humanizada e vem arrebatando fãs pelo Brasil. Sem perder a essência, a banda lança seu terceiro álbum de estúdio e fui correndo falar com o Vini (guitarrista) pra tirar ao máximo sobre o “Tr3s”. Aproveite!

“Tr3s” é o mais recente lançamento do Project46, porém vem carregado de simbologia. Fale um pouco sobre o que é esse novo play e sua ‘mística’.

Na verdade a simbologia do álbum TR3S, nada mais é que a renovação da banda. O TR3S é o nosso terceiro álbum de estúdio e toda vez que uma banda lança um novo trabalho, atrelado a ele existe muito sentimento, dedicação, metas e muita vontade de tocar e disseminar a mensagem. Com o Project46 não seria diferente. Passamos por algumas reformulações de integrantes e com ela uma nova proposta, mantendo a sonoridade, porém com uma nova roupagem. Trouxemos elementos novos e já





usados pela banda, mensagens de superação e de força. Abordagens mais humanas e que fazem parte do cotidiano das pessoas.

Esse novo cd foi realizado por meio do financiamento coletivo, o crowdfunding. Fale para nós como chegaram no “Experiência Três”. Seria esse um modo do fã mostrar que é fã de verdade?

A intenção da “Experiência TRÊS” foi trazer os fãs para mais perto da banda, essa aproximação possibilitou fãs a nos acompanhar diariamente nas gravações do álbum através do 46hub, ter itens exclusivos, inclusive nos acompanhar nos shows, participando de backstage, conhecendo o dia-a-dia de uma banda e o seu #CORRE. Foi muito gratificante, pois fãs do Brasil inteiro colaboraram, pensamos como fãs e criamos variadas formas de contribuições e premiações.

A “Experiência Três” trouxe muitos benefícios para quem quis ajudar a banda. Nos mais variados valores, pacotes com mídia física e virtual. E a produtos como tênis, experiência com a banda, masterclass, ingresso vip por 1 ano. É difícil organizar e fazer a logística funcionar?

Na realidade, todo processo para se atingir grandes resultados exigem uma organização e certa ‘expertise’. Como dito na última pergunta, temos fãs das mais variadas classes e pensamos em cada um que gostaria de participar disso junto com a gente. Foi trabalhoso, mas a gratificação de ver alguém feliz em ter participado conosco não tem preço.

O novo álbum foi gravado em Los Angeles sob a tutela do produtor Adair Daufembach. Como ele já conhece a banda, não foi difícil escolher quem produzir, não é? Ele conseguiu extrair tudo de vo-

cês?

O Adair Daufembach é um profissional que está atrelado ao Project46 desde o primeiro registro, não nos restou dúvida sobre a escolha, a banda já havia passado por mudanças de integrante e colocar outra pessoa para produzir esse álbum não seria certo. Principalmente pela percepção do Adair, ele consegue entender e ter o olhar clínico para as intenções de cada riff, solo, frase, refrão. Ele chega a ser quase um membro da banda. Vale lembrar que o fator humano diz muito, pois a visão de um produtor, atrelado ao bom relacionamento e confiança entre as pessoas dentro de um estúdio, faz com que a direção e o objetivo não mude.

Beto Cardoso é um grande fã da banda. Isso facilitou na composição por ele já conhecer a sonoridade do P46?

Com certeza! Não somente o fato do Beto ser fã da banda antes de ser um membro e, sim, pelo músico e profissional que é. Desde o início das composições, as músicas aconteceram de forma natural e verdadeira, a química foi algo surpreendente e a visão que ele tem de música, por ter conhecimentos de canto e outras áreas de produção, fez com que enaltecêssemos as ideias já criadas e ainda deixasse a presença dele marcada no álbum, não somente como baterista.

Em “Pode Pá” fala que “eu vim aqui para deixar o meu legado”. Que legado é esse? Como vocês enxergam isso na prática?

Nosso legado como uma banda de Metal que veio para fazer diferença, desde a música, a mensagem, profissionalismo e competência. Sempre nos espelhamos em grandes referências, sempre queremos fazer o melhor para nós, para nossa música e para nossos Fãs. Não



nos contentamos com pouco e sempre nos exigimos ao máximo.

Queremos que a nossa mensagem chegue aos quatro cantos, pois desejamos inspirar outras pessoas a acreditar e correr atrás também, assim como um dia esses músicos e bandas nos inspiraram para sermos o que somos hoje.

Esse seria o álbum com mais melodias e mais pesado do P46?

Eu acredito que esse é o álbum mais Project46.

Continuando com a pegada de cantar em português, vocês trazem no “Tr3s” temas vistos atualmente como política, depressão, pânico, as pessoas que vivem à margem da sociedade. Esse seria o álbum mais humano do P46?

Sim, esse álbum fala mais sobre conflitos internos, humanos, que fazem parte de qualquer pessoa, independente de sua pátria. Nossas composições sempre iniciam das guitarras e instrumental e ao sentir as músicas, veio a necessidade de falarmos de coisas relacionadas ao emocional, que tocam as pessoas e que muitas vezes criam-se tabus para falar sobre até mesmo em rodas de amigos. Todos temos problemas, todos temos desafios a seres superados, mas poucos te encorajam a enfrentar e bater de frente, a nossa música sempre foi usada como um manifesto, e o manifesto desse álbum é a superação, o estímulo a não andar pra trás. A música tem um poder incrível e muitas pessoas se fecham e não falam sobre seus problemas, mas ao ouvir algo que se identificam, começam a ter percepção, até criarem forças para levantar a cabeça e enfrentá-los.

Voltando para o grupo. “Tr3s” têm dois integrantes novos e três integrantes da formação original. Sangue novo, ideias novas para fazer a diferença no merca-



do ‘velho’. Como vocês enxergam a atual fase fonográfica brasileira, mais voltado para o heavy/rock?

A Cultura do nosso país nunca foi voltada ao Metal, existem sim muitos fãs espalhados por todo Brasil, mas nunca foi nem de longe algo “para todos”.

Todos que passaram pelo Project46 deixaram sua marca e fizeram parte da história da banda. Porém hoje, nos consideramos o time mais forte e equilibrado para seguir o caminho que queremos trilhar. A diversidade e não limita-

ção de estilos e influências, fazem com que não percamos tempo falando sobre velho ou novo metal, ou quais são as dificuldades que iremos enfrentar e sim corremos atrás para criar oportunidades e levar nosso som mais longe. Quem se lamenta muito, tem pouco tempo para correr e virar o jogo.

A música é universal, porém esbarra no idioma, muitas vezes. Você pensam em conquistar o mercado lá fora? Pensam em compor um álbum em inglês? Ou de

facilitar o entendimento dos fãs americanos, europeus, por exemplo?

Temos intenções de internacionalizar a banda com certeza, temos alguns planos em andamento, mas nada que deva ser anunciado por agora. O grande lance é que a música não tem limites e como dito anteriormente, não pouparemos esforços para levar a nossa o mais longe que pudermos.

A presença do P46 nas rede sociais é bastante interessante. Faz uso constan-

te do que tem atualmente. Qual a importância de estar presente nessas redes e o que isso influencia na aproximação com o seu público?

Sim, nós trabalhamos bastante com geração de conteúdo nas redes sociais e meios digitais, tanto da banda como em nossas redes pessoais. Esses canais são de extrema importância, pois existem fãs de vários lugares do país que ainda não assistiram a banda ao vivo e isso gera curiosidade e vontade da galera colar quando passarmos na região onde moram, além de



aproximar bastante o fã da gente. Basicamente as telas de computador e celular são as “TVS” da nova geração. Usamos isso a nosso favor, mostrando um pouco da atuação da banda nos palcos, em estúdio, trabalhos com as marcas que temos apoio entre todos outros materiais convencionais relacionado a parte áudio visual, como clipes e lyric videos. Inclusive os fãs são sempre lembrados, temos álbuns com mais de 2.000 fotos de fãs espalhados pelo Brasil, usando nossos itens do #Merch46 e um dos que marcam na pele o Project46. Isso até hoje, é uma das paradas mais insanas que já vi!

Top 5. Quais músicas do Project46 não pode faltar no setlist. Fale um pouco sobre elas.

Olha, essa pergunta é bem interessante! Com

certeza existem músicas como “ERRO+55”, “Violência Gratuita” e “Acorda pra Vida” que não ficam de fora do setlist, pois além da força das letras e suas mensagens, a interação e energia que trocamos com o público no shows fazem toda diferença na hora da escolha, no entanto sempre entramos no clima de onde estamos indo e qual o evento. Tentamos deixar o setlist bem diversificado e agora, com o novo álbum, vamos ampliar as escolhas, podendo levar o show para vários climas diferentes.

Por fim, o que podemos esperar do Project 46 para 2018? Muito obrigada. Sucesso sempre!

Gostaria de agradecer a equipe Rock Meeting, em especial a Pei Fon. Somos fãs do trabalho de vocês!


UMA DAS MAIORES BANDAS DE PROG METAL DA ATUALIDADE


PAIN of SALVATION
 IN THE PASSING LIGHT DAY

SOUTH AMERICA TOUR 2018

01-02 – RIO DE JANEIRO – Teatro Rival
02-02 – BELO HORIZONTE – Granfinos
03-02 – LIMEIRA – Montanha Bar
04-02 – SÃO PAULO – Carioca Club
06-02 – BUENOS AIRES – Roxy Live

www.tc7producoes.com

arte: www.jduartedesign.com

4FEST

III

LIVE CONCERT



Em sua terceira edição, o 46 Fest aconteceu no dia 3 de dezembro, no Tropical Butantã, em São Paulo. E olha... Aconteceu! Conseguiram tirar o povo de casa em pleno domingo e encher o Tropical de forma que já vi bandas de fora não conseguirem. O fest marcou o lançamento do novo cd do Project46, “Tr3s”.

Após o concurso promovido pelo Project 46, duas bandas foram escolhidas para integrar ao festival: Tonelada (MS) e No Trauma (RJ). Com o público ainda modesto, as bandas deram início as agressividades da noite e foram muito bem recebidas por quem já estava aproveitando a festa, que estava apenas começando.

Em seguida, a banda Trayce sobe aos palcos. Formada por Raphael Castejon (voz), Alex Gizzi (guitarra), Fabricio Modesto (guitarra), Rafael Palmisciano (baixo), Cadu Gomes (bateria), a banda fez um show voltado para divulgação de seu último trabalho de estúdio, “Miragem” (2017). Não foi difícil ver o quanto o álbum caiu no gosto do público, a galera cantou junto os refrãos de “Domadores”, os backs de “Réus” (que até quem não conhecia era induzido a aprender e cantar junto) e “Sem Roteiros”, com a participação de Dijjy Rodriguez, que logo depois subiria ao palco novamente com sua banda Ponto Nulo No





Céu.

Formada atualmente por Dijjy (vocal), Felipe (guitarra), Fau (baixo) e Lucas (bateria), a banda Catarinense Ponto Nulo No Céu, apresentou seus trabalhos da formação mais recente com todo o feeling característico de suas músicas. Riffs pesados e cadenciados se encontram com harmonias cheias de efeito, tudo isso encorpado com muito groove que servem de cama para os vocais de Dijjy, sempre passando sua mensagem de forma um pouco mais poética. Toda essa junção de elementos resulta em músicas que envolvem e fazem seus fãs muitas vezes cantarem com muita empolgação e de olhos fechados; e no palco não é muito diferente. A banda possui um ótimo entrosamento, sabendo passar toda essa emoção para o público. Para quem não conhece, vale a pena conferir as músicas: “Por Entre os Dedos”, “Sob o Mesmo Sol” e “Norte (Pintando Quadros do Invisível)”.

Com todas essas bandas apresentando shows que não mereciam ser adjetivados como underground, o Project 46 sobe ao palco em meio a muita agitação, não devendo nada a muitas bandas de fora que aparecem por aqui.

Show foi voltado para o lançamento do mais novo álbum “Tr3s” (2017). A banda é atualmente formada por: Caio MacBeserra (vocal), Jean Patton (guitarra), Vinicius Castellari (guitarra), Baffo Neto (baixo) e Betto Cardoso (bateria). Eles deram as caras com “Terra de Ninguém” e uma grande roda já se abriu. Não é por menos que o Project 46 é considerada a banda “nova” mais relevante do cenário do metal nacional. Com uma sequência de: “Corre”, “Pânico” (clipe recém lançado), “Rédeas” e “Realidade Urbana”, o P46 mostra toda sua evolução em relação a técnica, composição e presença de palco.

Foi com “Capa de Jornal” (Doa a Quem Doer – 2011) que a banda começou a saciar





o público com músicas dos outros álbuns. Seguidas por “Violência Gratuita”, “Na Vala” e “Erro +55”. O Project46 impressiona não apenas pela música e sim por toda a performance em cima do palco. Vini Castellari e Jean Patton não perdem nada em precisão mesmo agitando o tempo todo de um lado para outro no palco. Já Caio MacBaserra encara a todos na plateia tornando impossível ficar parado mesmo estando na última fila. E este foi o ritmo do show até o palco ser invadido na música

“Foda-se” (Que seja feita a Nossa Vontade – 2014), onde muitos sentiram de cima do palco a energia da banda e que encerrou o show com a pancada de “Acorda para Vida” (Doa a quem doer). Este foi mais uma grande conquista do Project 46, que além de apresentar um puta show, do lançamento de um puta disco, com a casa cheia e várias bandas de grande qualidade, provou que tudo isso é possível sim, inclusive em um domingo.

www.juantedesign.com

BANDA CONVIDADA
ARMORED DAWN

03 DE MAIO DE 2018

LOCAL: Tropical Butantã - São Paulo/SP
ABERTURA DOS PORTÕES: 19h30 / INGRESSOS: www.ticketbrasil.com.br

TOP 28th
LINK Anniversary
www.toplinkmusic.com

TROPICAL
TROPICAL BUTANTÃ
AV. VALDEMAR FERRERIA 93
A 200M DO METRÔ BUTANTÃ

RÁDIO & TV
CORSÁRIO
www.radiocorsario.com



SARRICÓN

em São Paulo

Texto Barbara Lopes | Fotos Bruno Sessa

Seis anos após a última (e única até então) apresentação no Brasil, Satyr (Sigurd Wongraven) e Frost (Kjetil-Vidar Haraldstad) voltaram para a turnê de divulgação do novo álbum, intitulado “Deep Calleth Upon Deep”. Desta vez, adicionaram Rio de Janeiro (Teatro Odisseia) e Belo Horizonte (Stonehenge Rock Bar) na rota, além de São Paulo, local onde pudemos acompanhar a performance de perto. A princípio, a casa escolhida foi o Clash Club, porém, devido a reforma, o evento aconteceu na casa “vizinha”, o Fabrique Club.

A banda responsável pela abertura foi o Patria, black metal do Rio Grande do Sul, que também lançou um álbum recentemente, o “Magna Adversia”. Composta por Triumphsword (vocal), Mantus (guitarra), Ristow (guitarra), WS Vulkan (baixo) e Abyssius (bateria), fizeram uma apresentação visceral, com muita qualidade e energia, e contiveram muito bem os ânimos de quem esperava pelo Satyricon. Às 18h50, a banda entra com “Now I Bleed”, seguida por “Outrage”, sendo bem recepcionada pela plateia. O vocal anuncia uma faixa do novo álbum, “Heartless”, que é executada com muito headbanging e os riffs chamam a atenção.

Logo após, iniciam “Nyctophilia”, que apresenta tons medievais e é igualmente obs-



cura. O público cantou junto em “Axis”, faixa também do novo álbum, que apresenta a sonoridade típica do black metal. “Death’s Empire Conqueror” teve uma harmonia caótica e bem ritmada – foi quando os espaços vazios começaram a ser escassos na casa. A última foi “Culto das Sombras”, de peso, agressividade e técnica, em especial da bateria.

Podemos dizer que o show do Satyricon começou durante a montagem do palco. Primeiramente, quando a capa do álbum foi projetada na tela ao fundo – e alguns fãs não contiveram a ansiedade. Depois, quando o icônico pedestal ornado do Satyr foi posicionado, pudemos sentir como o público os aguardava, e como aquela noite seria assombrosa – no melhor sentido possível.

Às 20h, pontualmente, os noruegueses sobem ao palco, juntamente com outros músicos: Anders Hunstad (teclado), Steinar “Azarak” Gundersen (guitarra), Attila Voros (guitarra), Anders “Neddo” Odden (baixo), e iniciam com “Midnight Serpent”, que também é a primeira faixa de “Deep Calleth Upon Deep”, criando uma atmosfera soturna e intensa, principalmente pela inegável presença do frontman. A plateia recepcionava a banda com muito headbanging, assim como a banda igualmente retribuía o gesto. “Our World, It Rumbles Tonight” para adornar ainda mais as trevas sendo criadas ali no palco, e aqui damos ênfase para a performance do Frost, que é tempestuosa.

E então, com um setlist minuciosamente preparado, a seguinte faixa foi “Black Crow On a Tombstone”, que levou o Fabrique ao chão – houve uma pequena falha no microfone do Satyr nesta música, apesar de tudo, o público não deixou a energia morrer, muito pelo contrário, os headbangings não paravam.





“Deep Calleth Upon Deep” é anunciada com Satyr dizendo que é bom estar de volta a São Paulo, e executada de maneira ligeiramente mais pesada que na versão de estúdio. O público cantou junto, mostrando assim a clara aprovação do novo trabalho.

“Walker Upon The Wind” e “Repined Bastard Nation” foram cruas e profundas, e mais uma vez o Fabrique foi ao chão com outro hit: “Commando”, recheado de ‘cabelo ao vento’ e com muita interação da banda, que neste ponto já se sentia confortável e até um pouco admirada com a recepção fervorosa dos brasileiros, que clamaram o nome da banda, ecoando pela casa. Seguida por uma “Burial Rite” tenebrosa, com alguns riffs duplicados, e outro hit explosivo “Now, Diabolical”, enlouquecendo os fãs.

A soturna e essencial “To Your Brethren in the Dark” foi acompanhada pelo público, que se deleitava com aquela apresentação. Eis que Satyr alcança sua guitarra, e anuncia duas faixas de “Nemesis Divina”: “Transcendental Requiem of Slaves” e “Mother North”, o ponto mais emocionante e etéreo da noite, com toda a intensidade da banda.

E o encore queimou, literalmente, o Fabrique: “The Pentagon Burns”, “Fuel For Hatred” e a super aguardada “K.I.N.G.”.

“Algo que eu buscava fazer”

ANNEKE
VAN GIERBERGEN'S

VUUR

Texto Pei Fon | Foto Set Vexy
Tradução Zenilde Neto



Meu presente de Natal chegou mais cedo. Sempre quis ter a oportunidade de entrevistar a Anneke van Giersbergen e ela aconteceu. Não fui apresentada ao seu trabalho no The Gathering, conheci quando ela já havia saído. Ainda não existiam os serviços de streaming e tinha que baixar em blogs espalhados pela internet. Para mim, era uma desconhecida, mas o nome da sua banda, Agua de Annique, me chamou tanta atenção que resolvi conhecer. Verdadeiramente, foi um achado.

O encanto pela voz dela foi imediato. Conheci a parceria com Danny Cavanagh, participação com o Moonspell, por exemplo. The Gentle Storm, com o renomado guitarrista, Arjen Lucassen, foi o ápice para mim, ela mostrou-se versátil diante da proposta. Mas o desejo de todo fã é que ela tivesse um trabalho dela, voltado para o Metal. Eis que surge Vuur, palavra holandesa que pode ser traduzida como fogo ou paixão, convenhamos que ambas as palavras andam juntas.

Em poucas perguntas, tive que sintetizar várias das quais gostaria de perguntar. Ah, por que só seis, gente?! Segue o que consegui explorar da Anneke. Deleite-se!



Vuur é o seu novo projeto. Quando você decidiu participar de uma nova banda? Achei muito legal que o Brasil está incluso na música “Freedom - Rio”. Que liberdade você sentiu aqui? O mais ‘vuur’ seria São Francisco ou cada cidade tem um pouco dessa essência de fogo e paixão?

Há muito tempo eu procurava fazer um álbum solo de prog/metal, mas eu nunca estava no lugar certo. Quando eu trabalhava com o Arjen Lucassen, no Gentle Storm, eu senti mais e mais inspiração para iniciar esse trabalho. Então, eu comecei a escrever músicas com o Joost Den Broek, que é compositor e produtor e trabalha com o Arjen há muito tempo. E sim, Rio é um dos meus locais favoritos no mundo! São Francisco é sobre um devastador incêndio que ocorreu em 1906.

Você sempre será lembrada pelo The Gathering, mesmo que tenha feito muitos projetos solo em sua carreira, sem contar participações em álbuns de outras bandas. Você se sente completa? O Vuur hoje preenche alguma lacuna restante?

De fato, The Gathering ainda é a maior parte musical da minha vida. Eu me sinto completa fazendo meu trabalho solo. Eu amo trabalhar e criar em diferentes gêneros. Não existem lacunas, mas sim ideias e inspiração. VUUR é definitivamente algo que eu buscava fazer por um tempo e agora que conseguimos colocar esse trem para andar, ele não irá parar tão cedo. Vamos escrever para o próximo álbum enquanto estamos em turnê com esse e no próximo ano.

É muito bom ver você de volta ao metal. Muitos dos seus fãs aguardavam ansiosos por isso. Como tem sido a resposta



dos ouvintes? O que você tem escutado tanto do público quanto da mídia?

Obrigada! As reações estão sendo muito boas pelos seguidores e pela media. No entanto, eu acho que toda vez que começo um novo projeto ou no caso, uma nova banda, eu tenho que recomeçar, ganhar a atenção e a confiança das pessoas que já conhecem meu nome e o de um novo público. Temos que trabalhar arduamente para tirar essa banda do chão, mas estou recebendo muita positividade e suporte.

“Days Go By – London” foi a primeira que ouvi e gostei instantaneamente. Ela soa enérgica e eu adorei como sua voz entra na música. Eu me lembro do The Gentle Storm, na versão Gentle, onde podemos escutar com clareza sua versatilidade. Fale um pouco sobre essa música.

Obrigada! Eu amo essa música. Ela é uma das minhas favoritas ao vivo. A letra é sobre a cidade de Londres que foi atingida por um “Grande fogo” em 1666. Essa catástrofe/ crise esmagadora pegou todo mundo de surpresa. Parte da letra é o fogo falando para os habitantes e parte são os habitantes rezando pedindo para saírem dessa com vida. O “ápice” é o momento que a “fumaça/smog” vem lentamente e envolve toda a cidade.

Você é bem ativa nas redes sociais. É muito divertido ver seus “stories” no Instagram. Algumas vezes postando músicas. O que você tem ouvido? Poderia fazer um Top 5 para nós? Comente sobre cada uma.

Meu top 5 do que estou ouvindo muito no momento:

Gojira - The Shooting Star

Opeth - Cusp Of Eternity

Leprous - Slave

Mastodon - High Road

Devin Townsend - Juular

Muito obrigada por essa entrevista. Deixe aqui o seu recado para seus fãs brasileiros. E volte logo!

Obrigado também! Nós esperamos voltar a seu lindo país em breve com o VUUR!

Grande abraço, Anneke.



LIVE CONCERT



OBITUARY

Caos sonoro

No dia 18 de novembro, rolou em São Paulo o show dos estadunidenses do Obituary. Um dos nomes mais emblemáticos do Death Metal mundial atualmente é formado por John Tardy (vocaís), Donald Tardy (bateria), Trevor Peres (guitarra), Terry Butler (baixo) e Kenny Andrews (guitarra).

Como de costume, e neste show não podia ser diferente, os bangers se aqueciam nos bares no entorno do Fabrique Club, onde aconteceria toda a destruição do Obituary. Aos poucos os bares foram esvaziando e a casa enchendo, por medo de perderem o show da banda já que desta vez não houve banda de abertura. Fato este que, pessoalmente não me agrada, uma vez que temos excelentes nomes do metal nacional que poderiam ter tido a oportunidade de apresentar seus trabalhos, mas isto também não vem ao caso no momento.

Divulgando ainda seu último disco “Obituary” (2017), a banda sobe ao palco ainda sem Tardy, para aquecer o público que bangeava e agitava carregados pelos poderosos riffs de guitarra. John Tardy sobe ao palco e a destruição começa. O público com idades tão variadas, é sem dúvida, mérito para uma banda com seus quase 30 anos de carreira e com a bagagem de sobra. Todos eles tinham seus



encontros no mosh pit.

Uma péssima notícia marcou esta data de 18 de novembro, dia do falecimento do grande guitarrista Malcolm Young, irmão de Angus Young, que juntos fundaram a tão influente banda australiana AC/DC. Mas por que comentar isso nesta matéria? Porque não seria novidade para ninguém que Malcolm e sua banda foram grandes influências para muitos músicos mundo a fora, e que não por menos foi homenageado pela banda, que a todo momento saldavam Malcolm entre seus goles de cerveja durante todo o show.

Os gestos in memoriam a Malcolm não tirava a empolgação do show, muito pelo contrário, parecia servir de combustível para toda as rodas de bate cabeça e gritos a plenos pulmões que tomavam conta do show. Essa empolgação alimentava cada vez mais a proximidade público-banda, que não se importavam com a subida, vez ou outra dos fãs mais fervorosos ao palco para se atirar na galera.

Com certeza a parte ruim deste show foi sem dúvida quando ele acabou. Toda a destruição e caos sonoro do Obituary, prenderam ali as pessoas de tal forma que mal podiam imaginar como seria a volta para casa, devido a forte chuva que rolou durante o show. Semáforos apagados, ruas sem iluminação e alsgadas, caos em São Paulo. O caos sonoro do Obituary estava muito melhor do que tudo lá fora.





Freedom

Suspensão Corporal

Por Samantha Feehily (Wonder Girls)

Antes de começar a ler esse texto, liberte-se de todo tipo de preconceito e amarras. Esteja aberto para conhecer um pouco mais sobre Suspensão Corporal e, quem sabe, praticar essa arte milenar.

A suspensão corporal teve suas origens há milhares de anos, em rituais religiosos no Sul da Índia. Os nativos eram amarrados em troncos de árvores suspensos por artefatos de bambu espetados e metal ao corpo. A sensação de dor extrema os fazia acreditar que estavam mais próximos das divindades. Mais tarde, no final do século 19, início do século 20, rituais dos índios americanos, principalmente do norte e do oeste, passaram a ser divulgados por meio de fotografias e jornais locais. Utilizando espetos e ganchos usados na pesca, os indígenas furavam a pele, como forma de autoconhecimento e controle do corpo e das sensações.

Com o passar do tempo, o costume ficou mais conhecido, e começou a atrair a atenção de pessoas ligadas a sensações extremas, os chamados “adrenaline junkies” (viciados em adrenalina), que aperfeiçoaram as técnicas, inventando novos meios de suspender o cor-

po usando ganchos espetados na pele.

O processo é extremamente delicado e deve ser feito com muito cuidado por profissional da área com grande experiência, para que não ocorram graves ferimentos. “Comecei a me interessar por suspensão em meados de 2012, quando vi uma apresentação em um evento em São Paulo. Tive a curiosidade e de lá para cá venho me aprofundando e realizando em outros amantes da arte. É muito importante escolher um profissional qualificado e que conheça de anatomia, além de ter material correto”, diz, Daniel Rodrigo, body piercer e tatuador.

O corpo da pessoa é examinado para que sejam decididos os melhores lugares, quantidade e tamanho dos ganchos de metal que serão inseridos por meio da pele, para que a pessoa seja erguida do solo. É importante, tanto para o profissional que vai realizar, quanto a pessoa que vai ser perfurada estarem com um bom preparo emocional e físico. “O preparo vem quando você escolhe fazer, quando você resolve desafiar seu corpo. Aí então é preciso preparar a mente para aceitar as dores e o corpo com alimentação



Daniel Rodrigo

pra que tenha uma ótima recuperação”, conta Daniel. Encontrar os locais e as quantidades de ganchos apropriadas envolvem boa dose de habilidade matemática e compreensão incisiva de anatomia humana e fisiologia, bem como sobre a resistência da derme do indivíduo em questão. Não é algo para ser feito no fundo do quintal. É um procedimento muito delicado, que requer conhecimento técnico. Se for mal aplicado, o gancho pode rasgar a pele.

“Sempre curti tudo que fosse diferente e desde o momento em que vi pela primeira vez em vídeos, eu sabia que eu faria. Minha preparação gira em torno de descansar o corpo, eu evito bebida alcoólica e comidas gordurosas. Para mim, estar suspenso é um ritual espiritual, uma sensação de liberdade, de poder voar, é inexplicável, optei por fazer o tipo Suicide, que é realizado pelas costas”, diz Anderson de Siqueira, body piercer e praticante de suspensão.

É sempre válido ressaltar que são necessários uma série de cuidados, alguns dias antes da prática é recomendável iniciar uma dieta sem alimentos pesados, álcool, cigarros ou drogas, que serve para ‘limpar’ o organismo, para que ele reaja bem ao objeto estranho que será introduzido. Outra coisa é realizar a suspensão sempre sob a supervisão de profissionais experientes. E na hora da prática, caso não se sinta confortável, ou a dor seja algo incontrollável, o recomendado é parar na hora. Com o corpo tenso, a dor aumenta e o risco de lesões sérias é maior.

Para Suzi, empresária, foi mais um momento de curiosidade, “no primeiro momento queria saber qual era a sensação. Hoje me preparo emocionalmente, minha mente precisa estar dispersa de qualquer preocupação, além dos cuidados exigidos como boa alimentação e restrição de álcool. É um momento de libertação, acredito que cada praticante tenha uma experiência diferente, cada um sente de uma forma diferente. Para mim, foi, sem dúvidas, superar meus limites”.

Encontrar os locais e as quantidades de ganchos apropriadas envolvem boa dose de habilidade matemática e compreensão incisiva de anatomia humana

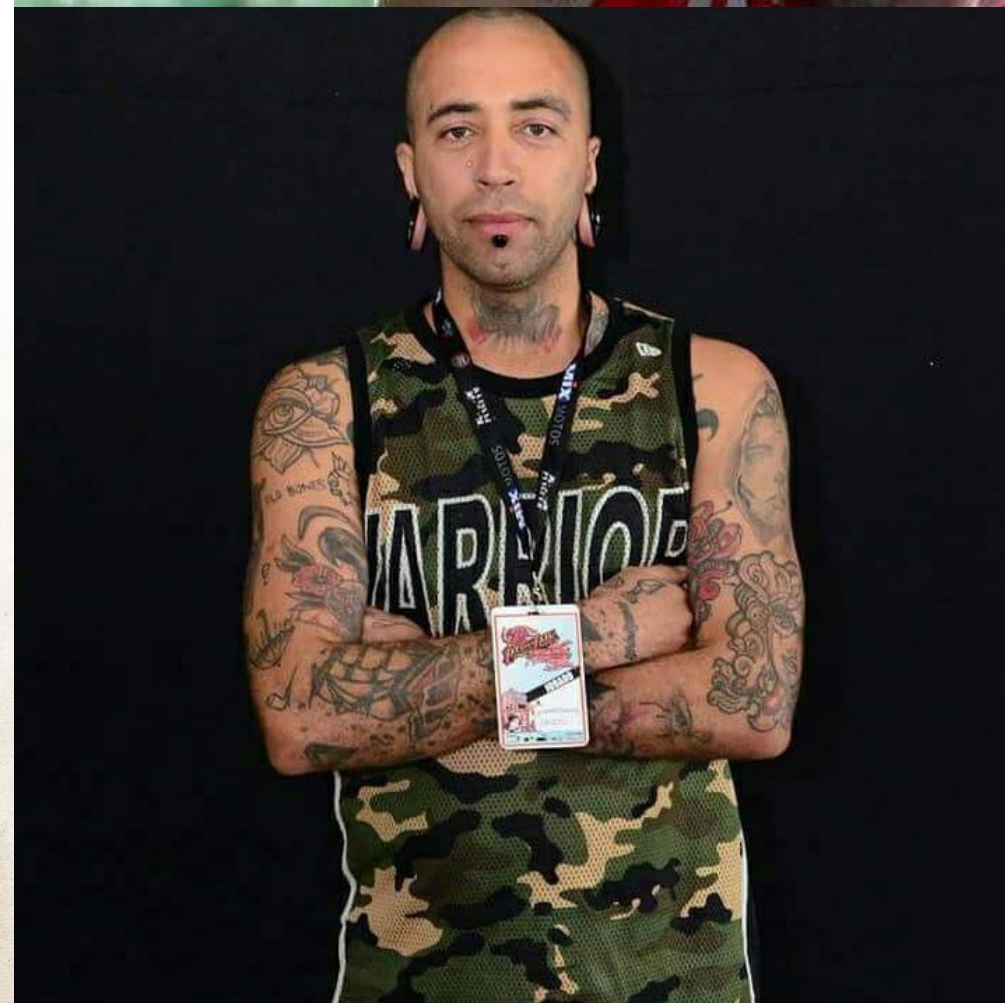
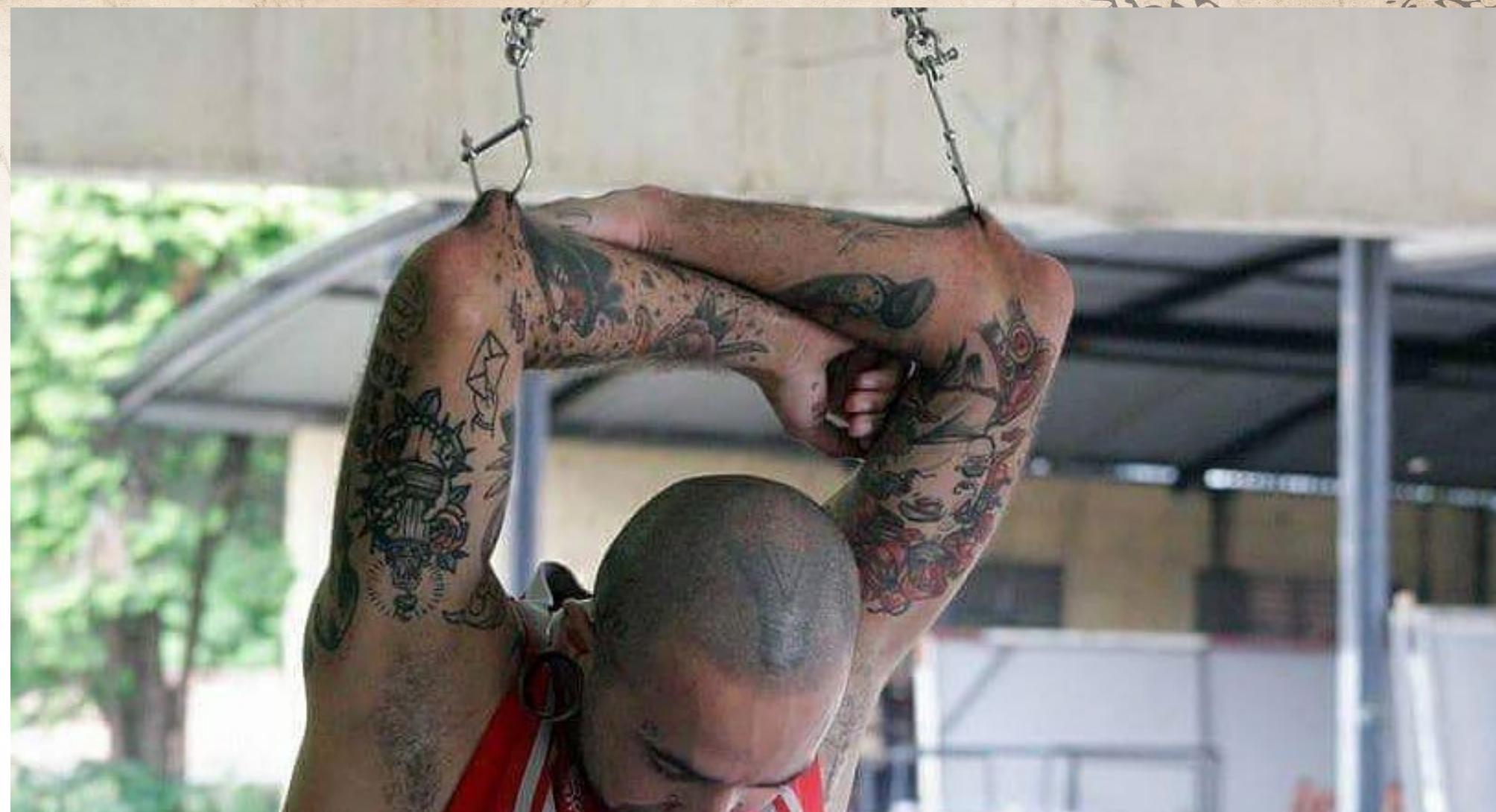


Foto: Divulgação

Anderson - Praticante de suspensão

e fisiologia, bem como sobre a resistência da derme do indivíduo em questão. Se a quantidade de ganchos for muito pequena, a pele da pessoa será incapaz de suportar o peso do corpo e se romperá. Um conjunto de roldanas feitas para suspensão e cordas fortes ligadas aos ganchos são utilizadas para erguer lenta e cuidadosamente o indivíduo até cerca de 30 ou 60 cm acima do chão, onde ele permanece durante período de tempo predeterminado. “Existe uma preparação de material feito pela equipe que vai realizar o procedimento. Qualquer pessoa pode realizar a suspensão desde que esteja em estado de saúde favorável. Uma dúvida muito comum é em relação ao peso corporal da pessoa, e a resposta é simples, o peso só aumenta a quantidade de ganchos que serão colocados, por isso a importância de um bom profissional, frisa Daniel Rodrigo.

Há mais de vinte modalidades de Suspensão, as mais comum é a Suicide, é feita na posição vertical e são usados apenas ganchos nas costas. A modalidade Superman, posição horizontal de barriga pra baixo. Posição Coma, horizontal de barriga pra cima. Chest, posição vertical, são usados ganchos, presos no peito. Posição Knee, de cabeça pra baixo, com ganchos segurando em cada joelho. Na posição de Lótus. Suspensão Crucifix, semelhante à suspensão suicide, mas com ganchos dispostos nos braços. Suspensão O-Kee-Pa, posição vertical por meio de ganchos no peito. Suspensão Resurrection, feita com ganchos no tronco com o rosto para cima. Suspensão Elbow, posição vertical feita com ganchos nos cotovelos e Suspensão Calf, posição vertical por meio de ganchos nas panturrilhas. Independente do estilo, os cuidados no pós são os mesmos: “o pós é simples, após a retirada dos ganchos a pele volta a colar normalmente. Fica dolorido como uma perfuração normal. Agulhas, gases e luvas são descartáveis. A única coisa esterilizada são os ganchos. São lavados de forma certa e passam pelo ciclo de autoclave”, finaliza Daniel.





Dark Dimensions Folk Festival

Aos 19 dias de novembro aconteceu, no Carioca Club, o Dark Dimensions Folk Festival, a edição de São Paulo, evento este que trouxe nomes do metal com elementos celtas: Ensiferum, Elvenking, Kaleval e Armored Dawn. Antes mesmo da primeira banda subir ao palco, a casa já possuía um considerável número de pessoas que desfrutavam dos atrativos do festival.

Hidromel, lanches e estande temáticos já empolgavam as pessoas que, além de terem a oportunidade de comprar diversos itens, podiam aproveitar o cenário, escudos e espadas para tirarem fotos e entrarem no clima do que ainda estaria por vir.

Da área dos stands foi possível ouvir o barulho do choque das espadas com escudos. Empolgadas, as pessoas foram para o salão principal do Carioca Club onde acompanharam uma encenação de batalha. Em seguida, deu início ao festival.

SHOW

Armored Dawn, banda paulista já conhecida por aqui, não poderia ficar de fora de um festival como esse e mais uma vez provou porque está presente cada vez mais nas agendas de show pelo Brasil. Formando por Eduardo Parras (vocal), Timo Kaarkoski (guitarra), Tiago de Moura (guitarra), Fernando Giovannetti (baixo), Rafael Agostino (teclado) e Rodrigo Oliveira (bateria), eles comandaram um





poderoso show empolgando a todos que ali estavam para vê-los. Com camisetas da banda e rostos pintados, os fãs do Armored Dawn mostraram que estão cada vez em número maior e com as letras na ponta da língua. Para quem ainda não conhece, vale a pena conferir a bela “Sail Away”. Sucesso da banda que sempre inicia com um belo e emocionante discurso de Eduardo Parras sobre o sentimento de que já perdeu alguém na vida.

Após o empolgante show do Armored

Dawn, foi a vez da banda russa Kalevala. Nikita Andrianov (guitarra), Alex Mitrofanov (baixo), Denis Zolotov (bateria), Aleksandr “olen’ (deer)” Oleynikov (acordeom) e com a simpática e incansável vocalista, Xenia Markevich no comando, o Kalevala fez um show direto e com pouquíssimas pausas, uma clara troca de energia com quem assistia seu show. Quanto mais a banda se empolgava no palco, mais se via o público retribuindo, e assim foi até o final do show. Sempre sorridentes, divertidos e,



às vezes, parecendo incrédulos com a troca de energia que acontecia. O Kalevala foi, sem dúvida, uma das melhores bandas da noite. Surpresa essa que não acabou com o término do show, após a apresentação, a banda passeou pelo festival tomando cerveja, conversando com os fãs, tirando fotos e curtindo o fest. Parabéns ao Kalevala. Chamando a atenção dentro e fora dos palcos.

Com uma proposta de som um pouco mais moderno por conta dos vocais de Damna-

goras e as cavalgadas na guitarra, o Elvenking reascendeu as rodas que, até então, apareciam timidamente em uma música ou outra. A banda italiana de folk power metal, além de um visual um pouco mais dark, era possível notar, além da alegria da banda em estar em terras brasileiras, um grande entrosamento entre as guitarras com arranjos melódicos, complementados com o já característico som de violino. Para quem ainda não conhece o Elvenking, vale a pena conferir seus clips e aprovações



ao vivo no youtube. Vale a dica para procurar a incrível “Neverending Nights” que rolou também no Dark Dimensions Folk Festival.

Logo após o término da apresentação do Elvenking, tivemos mais uma simulação de batalha medieval e desta vez no meio do público. A roda se abriu e todo mundo portava seu celular nas mãos para registrar os golpes coreografados que estavam sendo apresentados. Assim que a batalha terminou, a intro no PA dava início a tão aguardada apresentação da noite. Ao som de “Ajjatomasta Unesta”, Markus Toivonen (vocais limpos, guitarra), Sami Hinkka (baixo), Janne Parviainen (bateria) e Netta Skog (acordeom) esquentavam o público para a entrada de Petri Lindroos (vocais rasgados, guitarra) e For Those Who Fight for Metal (Two Paths).

Com hinos atrás de hinos, os finlandeses do Ensiferum fizeram um show memorável. Mesmo não se movimentando quanto as outras bandas por depender do microfone no pedestal, Petri se mostra um front-man e tanto. Grandiosidade, imponência, força, melodia... É difícil descrever todos os elementos do show do Ensiferum.

Entre empurros e pulos, era possível notar a grande confraternização que é uma roda de bate cabeça no show dos finlandeses. Empurrões e punhos serrados ao alto eram divididos com os fãs mais empolgados se abraçando e brindando suas bebidas em chifres, sem se importar do quanto do líquido era derramado em cada choque. Uma grande festa remetendo as clássicas ilustrações de comemorações em tabernas.

Não há dúvidas de que o Dark Dimensions Folk Festival tenha sido um sucesso e que todos saíram de lá sem ter do que reclamar. E que venham novas edições!



Heavy com Thrash

HECROMANCER

Texto Aline Pavan | Foto Chris Salay

Formada no ano de 1986, o Necromancer é considerada, por muitos, um dos pioneiros do Thrash Metal carioca. Depois de algumas paradas e mudanças na formação, o grupo retornou com tudo. Consolidados, lançaram o bem recebido “Forbidden Art”. Conversei um pouco com o guitarrista Luiz Fernando para saber um pouco mais sobre os projetos atuais e o futuro da banda. Confira!

O Necromancer caminha para seus 31 anos desde sua fundação. Conte-nos como o grupo iniciou seus trabalhos?

Luiz Fernando: A banda começou no final de 1986 quando os dois irmãos, Luiz Fernando e Luiz Cláudio, juntaram-se a alguns amigos em comum e colegas de colégio, dando início a banda, que teve em sua formação original: Marcelo Coutinho (vocal), Robert Haulfon e Luiz Fernando (guitarras), Alex Rocha (baixo) e Luiz Cláudio (bateria). Nesta época, a ideia era de tocar mais um estilo de uma mistura Heavy com Thrash tradicionais, baseado em bandas da época como Slayer, Metallica, Kreator e até mesmo Iron Maiden.

Fale um pouco sobre a atual formação da banda. Acreditam que ela está bem consolidada agora?

A atual formação da banda conta com os dois



fundadores, Luiz Fernando (guitarra) e Marcelo Coutinho (vocal), mais dois integrantes das primeiras formações, Gustavo Fernandez (baixo desde 1987) e Alex Kaffer (guitarra, ex-baterista de 1988 a 2015) e agora com o novo baterista, Vinicius Cavalcanti. Acreditamos que agora a banda esteja sim bem consolidada, estabilizada e mais entrosada.

Fale um pouco sobre o atual trabalho “Forbidden Art” (2014). Acreditam que este possa ser o álbum mais consistente da banda desde o início?

Para falar a verdade este é nosso primeiro álbum. Antes, havíamos lançado apenas demo tapes curtas, coisa de quatro músicas. Resolvemos, então, fazer um apanhado e gravar algumas das músicas que tínhamos gravado anteriormente nas demos e dar um ar um pouco mais atual, mas mantendo o espírito da época. Ou seja, fizemos a gravação com equipamentos atuais, mas sem usar tantos recursos tecnológicos para ver se mantínhamos um feeling dos anos 80/90.

E para a divulgação, o grupo pretende trabalhar em algo para impulsionar ainda mais este trabalho? Um videoclipe, quem sabe? Estamos atualmente trabalhando em conjunto com a assessoria Sangue Frio que está nos ajudando a divulgar nosso trabalho. Além das novas composições, a banda pretende lançar em breve um lyric video e também videoclipe. Estamos ainda em fase de decisão de qual música iremos colocar para estes clipes.

Como funciona a parte de composição, tanto lírica quanto instrumental do Necromancer? Todos participam?

A parte instrumental (bases, riffs e estruturas das músicas) é composta por mim (Luiz Fer-



nando), o outro guitarrista Alex e pelo baixista Gustavo. A parte lírica é de um modo geral composta por mim e a melodia vocal pelo Marcelo Coutinho com ajuda e opinião de toda a banda. Mas vale falar também que, na grande maioria das vezes, as ideias iniciais, seja a parte instrumental ou a parte do vocal, são alteradas durante os ensaios, pois sempre acabam surgindo novas ideias que acabam se encaixando melhor em algum pedaço da música e há sugestões de todos da banda.

Quais são as temáticas apresentadas

nas músicas? Quem as escreve?

A maioria, coisa de 90%, das letras são escritas por mim. Mas algumas das letras têm ajuda dos outros da banda que acabam dando um ‘pitaco’ em partes dos textos. Com relação as temáticas, tentamos fazer as mais variadas possíveis, tendo temas que variam desde guerras, críticas à igreja e religião, até mesmo assuntos psicológicos e de personagens históricos, dentre outros. Basicamente não há uma linha específica para os temas das letras, aparecem aleatoriamente, às vezes baseados em livros lidos ou em textos, pesquisas

feitas na internet.

Quais são as influências musicais da banda?

As influências são basicamente as das bandas da época em que começamos, ou seja, das décadas de 80/90, tais como: Slayer, Kreator, Destruction, Exodus, Death. Mas atualmente estamos tendo algumas digamos assim “pitadas” de bandas um pouco mais novas e um pouco mais na linha de Death Metal em especial a linha escandinava, como por exemplo, Dark Tranquillity, Arch Enemy. Há também

até pequenas pitadas de bandas mais porrada e pouco conhecidas, mas que são muito boas, interessantes e diferentes que estamos colocando em nossa música, mas sempre tentando manter nosso estilo original.

Vendo todos estes anos, o que vocês acham que mudou dos anos 80 para os anos 2000? Ficou mais fácil ou mais difícil lançar e divulgar algo?

Na década de 80/90, a divulgação era mais difícil de se fazer, além de lenta. A divulgação das demos tinha que ser toda feita através dos correios, o que levava muito tempo e algumas vezes nem vinha a acontecer. Naquela época, para divulgar, tínhamos apenas as rádios (nada de internet) e também tínhamos estes problemas mencionados acima. Além do mais, era mais difícil conseguir bons instrumentos e equipamentos e quando conseguíamos os preços eram ainda mais altos dos que hoje (no Brasil estas coisas são absurdamente caras), e difícil encontrar estúdios com gravação de qualidade boa que tivessem um custo razoável. Hoje em dia, com o acesso à internet, a melhoria da qualidade e a redução do custo para gravação facilitou muito a divulgação do trabalho. Contudo, esta mesma facilidade aumentou muito o número de bandas, dificultando a visibilidade.

Como está a cena metal carioca na visão de vocês? Há locais para shows? E bandas, tem surgido nestes últimos anos?

Muito embora existam shows de pequeno, médio e até mesmo de grande porte (como o Hell in Rio), de um modo bem geral há poucas casas e, na maioria das vezes, são para bandas não autorais, ou seja, as melhores datas são para bandas covers. Acreditamos que esta seja a situação até mesmo em vários lugares aqui no Brasil pelo menos.



Apesar de a cena parecer não estar em alta, tem surgido algumas boas bandas no cenário do metal carioca, bem como no nacional. Além de terem surgido bandas novas, tais como Forceps e Vorgok, há também algumas de gente das antigas que estão retornando a fazer som com formações novas como Unmasked Brains e ColdBlood.

A banda sonha com turnê europeia? Se sim, este sonho está perto de se realizar?

Claro que a banda deseja em divulgar seu trabalho no exterior, em especial na Europa, mas este é um caminho ainda meio restrito e ainda está meio difícil de acontecer. Até mesmo por lá, acreditamos, as coisas não estejam lá tão fáceis assim para bandas estrangeiras e que não tem nome conhecido ainda.

Fale um pouco sobre os projetos futuros do grupo. Podemos esperar um novo álbum em breve?

Os objetivos da banda são trabalhar em novos projetos e divulgar estes projetos em shows. Após a estabilização da formação da banda, já estamos trabalhando em novas músicas e estamos com planos de fazer outra gravação, possivelmente, no início de 2018. Neste material, iremos apresentar ainda um pouco de material que já havíamos composto na década de 90, bem como músicas mais novas compostas após o lançamento do “Forbidden Art”.

Deixamos este espaço para as considerações finais.

Queremos agradecer a força de vocês aí da Rock Meeting e de todo o pessoal do mundo underground que fazem com que a cena do metal no Brasil ainda continue conseguindo se manter em atividade. Valeu mesmo a força!

LIVE CONCERT



NEUROSIS

Texto e Fotos Bruno Sessa

No dia 8 de dezembro rolou o show dos californianos do Neurosis, que aconteceu no Carioca Club, em São Paulo. Formada em 1985, um dos grandes desafios seria classificar o som da banda, que muitas vezes poderia ser rotulada por Crossover/Thrash, Doom Metal, Post Metal, Noise Rock, industrial e tantas outras influencias.

Mas a realidade é que todos esses elementos são perceptíveis em sua sonoridade gerando assim um ‘caos’ organizado, tétrico e envolvente.

O show começou pontualmente às 20h15, como divulgado, logo após a apresentação das bandas Saturndust e DEAF KIDS, que infelizmente por conta do horário e do grande trânsito causado pela chuva, não consegui chegar a tempo de acompanhar. E com certeza não fui o único, visto a fila considerável na porta do show.

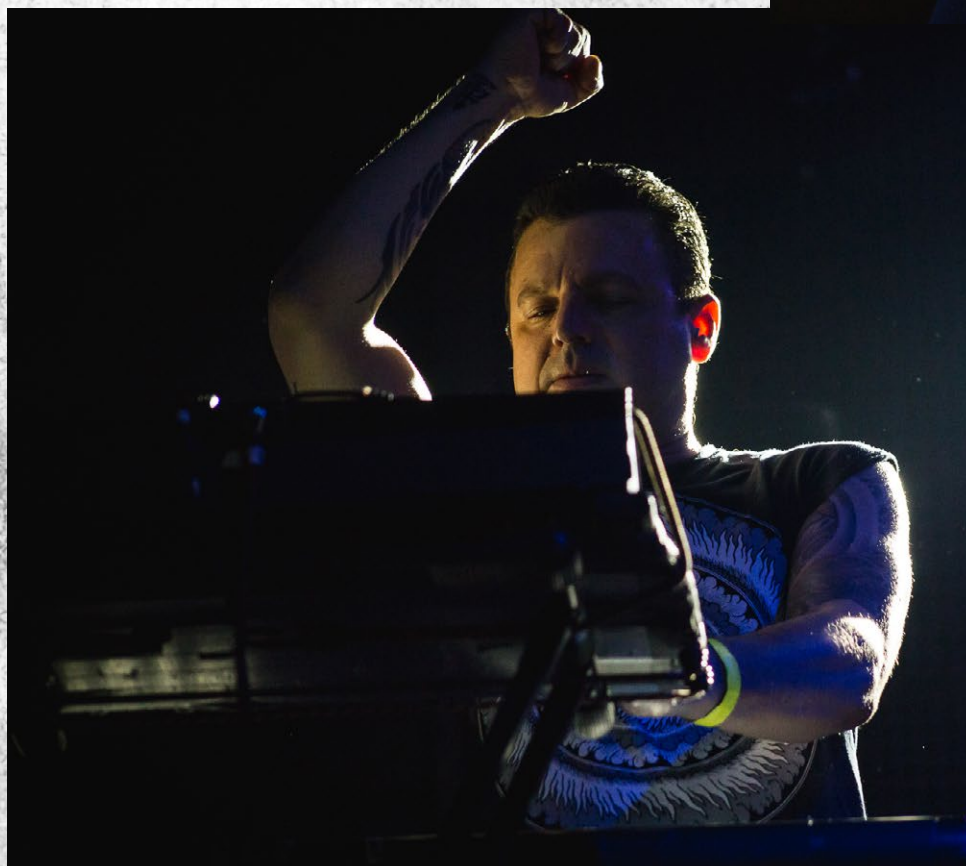
Iniciando com o clássico “Lost” (Enemy of the Sun – 1994), o Neurosis teve um set bastante variado, sempre transmitindo o clima tenso e carregado de suas músicas. Banda e fãs estavam em uma sintonia difícil de ser descrita. “Locust Star”, “Takeahnase” e “Bending



Light”, cada música tocada pelo Neurosis parecia um convite a todos entrarem juntos em um transe, tamanha era a atmosfera carregada que comandava o show, acompanhadas tanto dos gritos agonizantes dos vocais quanto dos fã.

Scott Kelly e Steve von Till cantando e tocando sempre com muita força e vontade, mostravam em uma simples troca de olhares, com o baterista Jason Roeder, o momento preciso entre os loopings eternos da música para as passagens mais agressivas. Dave Edwardson (baixo) e Noah Landis (piano e samples), são um show a parte. Com performances o tempo todo intrigantes, virando os olhos e agredindo os instrumentos são os responsáveis em darem a atmosfera do show como se é de se esperar.

E assim, se transcorreu pelas duas horas de apresentação finalizadas com uma cabeça de Jason na bateria em “The Doorway”, deixando ainda mais os fãs em êxtase na esperança de um bis... Coisa que não aconteceu, infelizmente. Que noite!



★ ★ ★
ANUNCIE
— AQUI —



CONTATO@ROCKMEETING.NET